



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ- UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

VANDERLÉIA SANTOS TORRES

**EVASÃO ESCOLAR: QUAIS AS PRINCIPAIS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR
NO ENSINO EJA, NA ESCOLA E.M.E.F. FÁTIMA MARIA FERNANDES
GADELHA, NO ANO DE 2016 NAS SÉRIES DE 1ª À 4ª ETAPAS NO
PERÍODO DE 2016**

MARABÁ-PA
2018

VANDERLÉIA SANTOS TORRES

**EVASÃO ESCOLAR: QUAIS AS PRINCIPAIS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR
NO ENSINO EJA, NA ESCOLA E.M.E.F. FÁTIMA MARIA FERNANDES
GADELHA, NO ANO DE 2016 NAS SÉRIES DE 1ª À 4ª ETAPAS NO
PERÍODO DE 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção da graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Msc. Cleide Pereira dos Anjos

MARABÁ-PA
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares / UNIFESSPA. Marabá, PA

Torres, Vanderléia Santos

Evasão escolar: quais as principais causas da evasão escolar no ensino EJA, na escola E.M.E.F. Fátima Maria Fernandes Gadelha, no ano de 2016 nas séries de 1a à 4a etapas no período de 2016 / Vanderléia Santos Torres ; orientadora, Cleide Pereira dos Anjos. — 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2018.

1. Educação de jovens e adultos - Brasil. 2. Evasão escolar na educação de adultos. 3. Estudantes - Atitudes. 4. Educação – Aspectos sociais – Aspectos econômicos. 6. Evasão escolar – Causas. I. Anjos, Cleide Pereira dos, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 374.981

VANDERLÉIA SANTOS TORRES

**EVASÃO ESCOLAR: QUAIS AS PRINCIPAIS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR
NO ENSINO EJA, NA ESCOLA E.M.E.F. FÁTIMA MARIA FERNANDES
GADELHA, NO ANO DE 2016 NAS SÉRIES DE 1ª À 4ª ETAPAS NO
PERÍODO DE 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências da Educação (ICH/UNIFESSPA), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção da graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Msc. Cleide Pereira dos Anjos

Defesa pública em 09 de março de 2018

Banca examinadora:

Profa. Msc. Cleide Pereira dos Anjos (FACED/ICH/UNIFESSPA) – Presidente

Profa. Dra. Teresinha Cavalcante Feitosa (FACED/ICH/UNIFESSPA)

Dedico este trabalho a meu pai:
João Raimundo Soares Torres (in
memoriam), e a todos que
participaram desta pesquisa e
contribuíram de alguma forma,
tornando este trabalho possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, a meus pais: João Raimundo Soares Torres (in memoriam) e Ivanete Santos Torres, que sempre fizeram o possível para me educar e ensinar a importância de ser alguém de bem, de princípios, e principalmente a lutar por meus objetivos, a minha avó Maria da Conceição Fernandes Santos, que muito me ajudou durante esse período, fazendo o que estava ao seu alcance, para que eu pudesse concluir esse grande desafio que é minha graduação, que consegui finalizar através de muito esforço e dedicação.

A meu filho João Vitor Santos Torres Santana a quem amo muito, e durante todo esse tempo na Universidade, soube entender a minha ausência na maior parte do tempo, aos meus amigos que sempre me apoiaram e me deram forças nos momentos mais difíceis, ajudando sempre a seguir em frente apesar das dificuldades enfrentadas, as quais me fizeram fraquejar algumas vezes durante essa jornada, e graças a todo apoio recebido, hoje esse sonho tornou-se realidade.

Aos demais familiares que torceram por esse momento e à minha orientadora que participou desse trabalho, e me orientou para que eu pudesse desenvolver um bom trabalho: meu muitíssimo obrigada a todos vocês!

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O objetivo geral da presente pesquisa é identificar quais as principais causas da evasão escolar no ensino da EJA, na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, nas séries de 1^a à 4^a etapas no período de 2016. Os autores utilizados nesta pesquisa foram Patto (2015), Paiva (2003), Brandão, Bianchini e Rocha (1985), Brasil (2006), Ceratti (2008), Guimarães; Santana e Silva (2015) Freire (1996), Perrenoud (1999), Piletti Claudino (2014), Pinto (2014), Ribeiro (2017), Souza (2011) e etc... Este trabalho foi desenvolvido através da abordagem qualitativa, por ser uma das mais utilizadas na atualidade, tendo como tipologia as pesquisas de campo e bibliográfica. Os motivos que contribuíram para a evasão escolar na vida dos alunos pesquisados foram os fatores de ordem social e econômico, assim como a falta de políticas públicas pertinentes à área da educação de jovens e adultos, um apoio maior para os profissionais que trabalham neste segmento, para que pudessem melhorar a qualidade do ensino ofertado para a modalidade de ensino EJA. Prevaleceu nessa escola fatores externos, que estão além da escola, pois a mesma havia feito o que estava ao seu alcance e dentro de suas condições, para que os alunos permanecessem em sala de aula, recebendo um aprendizado de qualidade, comprometido com um ensino da melhor forma possível por parte do corpo docente, dentro de suas possibilidades.

Palavras chaves: Causas da evasão. Evasão escolar. EJA. Fracasso.

SIGLAS UTILIZADAS

CEAA- Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos.

CNEA- Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo.

COEJA- Coordenação de Educação de Jovens e Adultos.

DNE- Departamento Nacional de Educação.

EJA- Educação de Jovens e Adultos.

E.M.E.F. Escola Municipal de Ensino Fundamental.

FACED- Faculdade de Ciências da Educação.

FNEP- Fundo Nacional do Ensino Primário.

INEP- Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

MCP- Movimento de Cultura Popular.

MEB- Movimento de Educação de Base.

MEC- Ministério de Educação e Cultura.

MOBRAL- Movimento Brasileiro de Educação.

PDDE- Programa Dinheiro Direto na Escola.

SEMED- Secretaria Municipal de Educação.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

UNESCO – United Nations Education Social and Cultural Organization.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS NO INÍCIO DO ANO LETIVO DE 2016 NA EJA NA E.M.E.F. PROF.^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA.....51

QUADRO 2. QUANTIDADE DE ALUNOS EVADIDOS NO FINAL DO PERÍODO LETIVO NO ANO DE 2016 NA EJA NA E.M.E.F. PROF.^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA.....52

QUADRO 3. QUANTIDADE DE TURMAS DAS SÉRIES DE 1^a A 4^a ETAPAS EXISTENTES NO ANO DE 2016 NA EJA NA E.M.E.F. PROF.^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA.....52

QUADRO 4. QUANTIDADE DE TURMAS DAS SÉRIES DE 1^a A 4^a ETAPAS EXISTENTES NO ANO DE 2017 NA EJA NA E.M.E.F. PROF.^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA.....52

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1- PORCENTAGEM DE EVASÃO NAS TURMAS DE 1ª À 4ª ETAPAS, NA E.M.E.F. PROF.ª FATIMA MARIA FERNANDES GADELHA NO PERÍODO DE 2016	53
---	----

LISTA DE ILUSTRAÇÃO DE MAPAS VIA SATÉLITE

MAPA 1- PERCURSO DO ALUNO A VIA SATÉLITE DE SUA RESIDÊNCIA ATÉ A E.M.E.F. PROF. ^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA.....	58
MAPA 2- PERCURSO DA ALUNA B VIA SATÉLITE DE SUA RESIDÊNCIA ATÉ A E.M.E.F. PROF. ^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA.....	58
MAPA 3- PERCURSO DO ALUNO C VIA SATÉLITE DE SUA RESIDÊNCIA ATÉ A E.M.E.F. PROF. ^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA.....	59
MAPA 4- PERCURSO DA ALUNA D VIA SATÉLITE DE SUA RESIDÊNCIA ATÉ A E.M.E.F. PROF. ^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA.....	60
MAPA 5 – LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA VIA SATÉLITE, POSSUINDO A DESIGNAÇÃO ANTIGA, POIS AINDA NÃO FOI ATUALIZADA COM A NOMENCLATURA ATUAL.....	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	19
1.1 LEGISLAÇÃO E PARÂMETROS CURRICULARES.....	28
2. APORTES TEÓRICOS: SOBRE A EVASÃO ESCOLAR E REPETÊNCIA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES, CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA E PRODUÇÃO DO FRACASSO, E A NECESSIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA ...	32
2.1 EVASÃO E REPETÊNCIA: O PRECONCEITO COM O ALUNO DE BAIXA RENDA, A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E OS FATORES ESCOLARES	33
2.2 PRINCIPAIS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA E A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NA PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR.....	37
2.3 A NECESSIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA	45
3. METODOLOGIA	48
4. ANÁLISE DOS DADOS	50
4.1 CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA NA E.M.E.F. PROF. ^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA	54
4.2 PERFIL E TRAJETO DOS ALUNOS DA EJA.....	57
4.3 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	61
4.4 A PROPOSTA DA EJA SEGUNDO OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO	64
4.5 RECURSOS E MÉTODOS UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO DA EJA E COMO EVITAR A EVASÃO ESCOLAR.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	75
APÊNDICE 1: A SER APLICADO COM O (A) ALUNO (A) EVADIDODA EJA.	75
APÊNDICE 2: A SER APLICADO NA ESCOLA COM O (A) PROFESSOR (A) DA EJA	76
APÊNDICE 3: A SER APLICADO NA ESCOLA COM O (A) DIRETOR (A) DA EJA..	77
ANEXOS	78
ANEXO 1: AUTORIZAÇÃO DA SEMED PARA A COLETA DE DADOS DOS ALUNOS NA E.M.E.F. PROF. ^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA	78
ANEXO 2: AUTORIZAÇÃO DA E.M.E.F. PROF. ^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA PARA A UTILIZAÇÃO DA NOMECLATURA OFICIAL DA ESCOLA NESTA PESQUISA.....	79

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo geral identificar quais as principais causas da evasão escolar no ensino da EJA, na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, nas séries de 1^a à 4^a etapas no período de 2016, identificar os principais fatores que levaram esses alunos a abandonar a escola, especificando em que aspecto ele evadiu. Se foram no âmbito social, econômico, familiar ou outro.

Este trabalho foi desenvolvido através da abordagem qualitativa por ser uma das mais utilizadas na atualidade, e por ser a mais apropriada para o tipo de pesquisa que desenvolvi, para melhor obtenção de dados, juntamente com pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, e entrevista semiestruturada.

Sempre me questioneei por que alguns alunos evadem da escola, quais as principais causas que levam esses jovens a abandonarem os estudos, sendo que a educação é uma das coisas mais importantes em nossa vida. Desde pequena meus pais sempre me ensinaram que a educação seria a porta principal para que pudéssemos ser alguém nessa vida, assim como ter oportunidade de crescermos e podermos sair da ignorância, a qual um deles cresceu, e assim, segundo eles, como consequência tiveram menores oportunidades de ter uma vida melhor, devido à falta de uma escolarização adequada.

Meu pai só teve o ensino fundamental incompleto, e a minha mãe o ensino médio incompleto, devido algumas dificuldades que tiveram na vida, como trabalhar muito cedo, problemas de saúde, entre outros, resultando no abandono dos estudos. Por isso não importava o quão difícil era para meus pais, sendo pobres e mesmo tendo quatro filhos pequenos e quase todos da mesma idade, sempre fizeram de tudo para que nós chegássemos a ter ao menos o ensino básico. Nunca permitiram que nenhum de nós reprovássemos muito menos que evadíssemos da escola, uma vez que não tiveram as oportunidades que tivemos.

E a partir de leituras dos autores Patto (2015) e Paiva (2003), Brandão, Bianchini e Rocha (1985), Brasil (1996), Brasil (2006), Ceratti (2008), Guimarães; Santana e Silva (2015) Freire (1996), Perrenoud (1999), Piletti Claudino (2014), Pinto (2014), Ribeiro (2017), Souza (2011) e outros. Que realizaram trabalhos relacionados a este tema, meu interesse foi aumentando, e através da observação empírica sobre os grandes índices de evasão escolar por alunos do ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA) na faixa etária entre 15 e 17 anos, que era a faixa etária que seria pesquisada no projeto inicial, instigando ainda mais meu interesse pela problemática, tendo a concepção que evasão escolar é um problema antigo e atual, e que

persiste na atualidade, e que afeta principalmente as classes menos favorecidas, uma vez que atinge a escolas usadas por essa parcela de nossa sociedade, causado prejuízos tanto para a população que é afetada diretamente, como para o poder público, devido ao desperdício de recursos, sendo assim um problema de cunho social, econômico e político, que deve ser pesquisado e entendido, buscando compreender o que tem gerado esse fenômeno nas escolas.

Em relação ao contexto social, segundo o que foi dito, as exigências na área educativas crescem cada vez mais, e a mesma está inserida em todos os aspectos da vida de uma pessoa, seja trabalho, vida familiar, participação social, política entre outras. Com os avanços das tecnologias, tornando as opções de trabalhos cada vez mais concorridas, fazendo-se necessário uma melhor formação, de maneira que possam concorrer por melhores posições de trabalho.

Patto (2015) e Paiva (2003) em seus trabalhos além de abordar, e também verificar a questão dessa problemática em algumas escolas brasileiras. Dão uma visão de como o fracasso escolar foi se formando e gerando a evasão escolar. Estas autoras abordaram as questões sócio cultural, os aparelhos ideológicos, que gerem o setor da educação, e outros setores da sociedade, que inferem diretamente na vida dessas pessoas.

De acordo com os resultados de seus trabalhos, eu fiz minha pesquisa em uma determinada escola, para saber se a mesma também condizia com as questões que os autores abordavam em seus estudos e pesquisas.

A primeira seção faz um breve histórico da educação popular e educação de jovens e adultos no Brasil, citando também alguns movimentos que ocorreram durante esse processo, citando certo número de pontos importantes dessa trajetória como alguns dos principais movimentos, idéias, campanhas, e figuras de destaques que lutaram para que se tivesse um programa para tratar do analfabetismo que assolava grande parte da população. E também sobre a legislação vigente da educação de jovens e adultos e o que a mesma determina, e sobre as propostas curriculares do primeiro e segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que servem de subsídios para se trabalhar com esse público.

Na segunda seção, a partir destas leituras, foi feita uma apresentação sobre as principais causas da evasão escolar apontadas pelos autores utilizados para fundamentar esse trabalho. Tentando entender como o fracasso e a evasão estão sendo tratados nos dias atuais, visto que as causas do problema fazem com que alunos evadam das escolas de forma bastante significativa conforme os autores que foram empregados para desenvolvê-lo, lembrando que o foco desse trabalho foi a Educação de Jovens e Adultos- EJA. E por último apresenta a análise dos dados, obtidos durante a pesquisa de campo, apresentou o resultado final, onde foi

verificado que os motivos causadores a evasão escola na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha no ano de 2016, convergem com o que defendem os autores utilizados para embasar este trabalho.

Fiz aqui uma justificativa, quanto ao fato de minha pesquisa ter tido algumas alterações significativas, fazendo com que meu foco de pesquisa mudasse em relação às faixas etárias, como escola e as turmas. E como consequência tomar um rumo bem diferente do qual projetei no início deste trabalho, descrevendo um pouco da minha trajetória durante a pesquisa de campo.

A pesquisa inicial se deu na Escola X¹ que seria meu local de trabalho. Num primeiro momento fui à escola e pedi permissão para desenvolver o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na mesma, com o tema: evasão escolar: quais as principais causas da evasão escolar na faixa etária entre 16 a 17 anos na EJA, na Escola X, nas series do 9º ano no período de 2015 a 2016. Fui bem atendida pela equipe da escola e recebi a permissão da diretora, que embora estivesse passando por problemas pessoais e precisava viajar com urgência, concedeu uma entrevista (semiestruturada, e que não está anexada neste trabalho) em que tratava da minha temática, mas deixando bem claro a EJA teria mudado para outra escola num bairro vizinho, para a E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, mas que poderia me dar informações que pudesse ajudar, já que o ano os quais eu trabalharia ainda funcionava na mesma, e que teria que ir à outra escola para mais informações.

Na segunda visita à escola para a coleta de dados fui informada que funcionavam apenas as 3ª e 4ª etapas, e que os dados que precisávamos estavam na escola citada acima, para onde os alunos haviam sido remanejados, e onde passou a funcionar a EJA, mas caso precisasse de alguma outra informação e a mesma pudesse ajudar, estaria à disposição.

Durante a disciplina Estágio Docente na EJA no oitavo período, fomos estagiar na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, que havia recebido os alunos antigos da EJA da escola X. Já fui com a finalidade de sondar algumas informações para fazer meu trabalho posteriormente. E já tive uma conversa informal com a diretora, onde falei do meu TCC e sobre a minha pesquisa de campo ter que mudar para lá, devido à mudança dos alunos da outra escola e suas documentações para aquele local, e a mesma se disponibilizou para ajudar caso precisasse. Ainda durante o estágio ao fazer as entrevistas para a disciplina de estágio docente na EJA, pedi para a professora que ministrava essa disciplina, para acrescentar nos questionários perguntas pertinentes à evasão para que eu pudesse utilizar na

¹ Nome fictício dado à escola que seria feita a pesquisa inicial.

minha pesquisa, e a mesma concordou e acrescentou ao questionário que foi utilizado para entrevistar a professora da sala que estagiamos.

Quando chegou o momento de coletar os dados de maneira formal na escola, começaram algumas situações que quase inviabilizaram o desenvolvimento da pesquisa.

A diretora da escola inesperadamente colocou que não poderia passar o endereço dos alunos que seriam entrevistados na conclusão da minha pesquisa, pois já tinham tido problemas com alunos anteriores por ter passado informações pessoais deles, como as que eu precisava. E só poderia disponibilizar esses dados caso eu tivesse uma autorização da Secretaria Municipal de Educação- SEMED, autorizando que a escola me repassasse as informações desejadas.

Depois disso procurei a minha orientadora e expliquei a situação, e ela fez um pedido formal solicitando autorização do secretário para a coleta de dados, que está anexado a este trabalho, juntamente com a autorização da Direção Da Escola pesquisada para utilizar sua nomenclatura Oficial. Peguei a autorização e levei na Faculdade de Ciências da Educação- FAGED para carimbar antes de levar para a SEMED. Chegando lá a senhora que recebeu o documento perguntou por que a diretora não entregou os dados, já que não necessitava de autorização, expliquei então os motivos alegado por ela, por ter tido problemas com alunos, por terem passado informações pessoais dele, sem autorização. Essa senhora me informou que passaria a situação para seu chefe para que ele autorizasse formalmente, já que a diretora da escola solicitou, ficando assim respaldada legalmente.

No dia seguinte passei para pegar a autorização assinada pelo secretário, e ao ligar para a diretora e informar que já estava com a autorização, ela argumentou que já tinha dito que não poderia, expliquei que já estava com autorização em mãos, ela informou então que só poderia entregar os dados dos alunos evadidos de 2017, pois estavam mais fáceis de encontrar, e os outros não tinham como, pois, estavam no arquivo morto. Mas devido o ano letivo de 2017 ainda não ter encerrado, não seria possível pesquisar os dados, o que também impossibilitaria o desenvolvimento da pesquisa.

Eu já tinha argumentado quais eram as turmas e os anos da minha pesquisa, e já havia feito uma entrevista na escola anterior, e como restava pouco tempo, ficaria complicado fazer a mudança de tema, mas não teve jeito, tive que alterar o foco das turmas e a faixa etária dos alunos, mas continuando com o mesmo tema, sendo agora referente aos alunos da 1ª à 4ª etapas do ano letivo de 2016. Passou a ser Evasão escolar: quais as principais causas da

evasão escolar no ensino EJA, na escola E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, no ano de 2016 nas séries de 1^a à 4^a etapas no período de 2016.

Como houve esse contratempo, resolvi ligar para a minha orientadora e informar o ocorrido, decidindo que eu não ligaria novamente para a escola, na tentativa de não criar um ambiente ruim, iria apenas levar a autorização solicitada pela diretora, para evitar situações que pudessem atrapalhar a pesquisa devido aos obstáculos que já havia encontrado até o momento. E aceitando a mudança de foco da pesquisa já que não tinha como dar seguimento ao projeto inicial, fui orientada que imprevistos podem ocorrer quando se vai a campo, pois só durante esse período daria para saber se seria viável ou não desenvolver o projeto.

No dia seguinte retornei com uma amiga, para deixar pessoalmente a autorização, mas a mesma estava de licença, e quem nos recebeu foi a coordenadora que perguntou no que poderia nos ajudar. Ao explicar o motivo ela perguntou quem havia solicitado a autorização, expliquei então os motivos da diretora, e ela informou que era desnecessário, mas recebeu como protocolo da escola.

Com a autorização, pude ir à escola e colher os dados necessários para dar início à minha pesquisa, com a ajuda da secretária, consegui a lista com os nomes e dados dos alunos evadidos do ano de 2016, de 1^a à 4^a etapa, em seguida fiz a relação dos mesmos por etapas, indo à busca dos mesmos, e poder dar seguimento ao trabalho.

1. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Na primeira seção, farei uma pequena introdução sobre: o histórico da educação popular no Brasil e a educação de jovens e adultos para entender como se deu esse processo em nosso país, citando certo número de pontos importantes dessa trajetória como alguns dos principais movimentos, idéias, campanhas, e figuras de destaques que lutaram para que se tivesse um programa para tratar do analfabetismo que assolava grande parte da população, também sobre a legislação vigente da educação de jovens e adultos e o que a mesma determina, e sobre as propostas curriculares do primeiro e segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que servem de subsídios para se trabalhar com esse público.

Para entrar no tema sobre a evasão escolar no ensino de jovens e adultos, considera-se importante citar o que diz Paiva (2003), de interessante sobre a história da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos, uma obra muito boa e que serve de referência para o desenvolvimento deste trabalho, e também para entender mais sobre assuntos relacionados à EJA de uma forma geral, juntamente com outros autores.

Seu livro está dividido em três partes e dois anexos, aonde ela vai abordando questões, explicando, analisando assuntos que discorrem sobre a área da educação popular e educação de adultos. Não dá para citar aqui a riqueza de dados que o mesmo oferece, mas tentar expor o que foi considerado de mais relevante durante a pesquisa, como alguns pontos importantes (fatos) que fizeram parte desse histórico e que não poderia ser ignorado como exemplo o alto índice de analfabetismo, o preconceito em relação ao analfabeto, e perspectivas internas e externas.

Sobre o trabalho feito pela autora:

Este estudo de Educação Popular e da Educação dos Adultos no Brasil, realizado do ponto de vista histórico, trata dos problemas da educação com base em algumas idéias gerais, teóricas, nascidas fora do campo educacional. Parte de pressupostos sócio-políticos, oriundos do conhecimento acumulado e aplicáveis ao campo educacional, na tentativa de explicar a história da educação dos estratos populares no Brasil em conexão com as motivações e consequências políticas dos programas educativos. O estudo apoia-se em idéias externas ao campo educativo tomadas como ponto de partida e presentes em todo o seu desenvolvimento. Entretanto, muitas das categorias e conceitos utilizados foram elaborados a partir do conhecimento anterior de certo número de movimentos educativos, concretos e a partir da bibliografia existente sobre o assunto, bem como da nossa prática como profissional engajado durante vários anos em programas destinados à educação popular (PAIVA, 2003, p. 24).

Paiva (2003) faz uma breve explicação de seu livro, que trata da educação popular no Brasil e educação de jovens e adultos, assim como sendo relacionada às áreas internas e externas a educação.

A autora Paiva (2003) cita o entusiasmo pela educação (externo), o otimismo pedagógico (interno), e mais um que segundo ela conjuga as duas perspectivas: realismo em educação. Além de abordar a questão da educação como instrumento de ascensão social visto pelo lado do capitalismo ou conservação social de determinadas sociedades. Argumenta que o que fez com que a educação para o povo se tornasse processo sistemático, foi o fato de a industrialização exigir domínios e técnicas de leitura, pelo maior número possível de pessoas, além de motivos religiosos, para poder educá-los com os moldes dos costumes das elites que descendia dos europeus. E que ganhou mais importância devido ao capitalismo ver a educação como meio de ascensão social, e os socialistas uma bandeira de luta com a possibilidade de tornar mais fácil a difusão de idéias que tornassem o povo consciente e concorrer pelo poder político visando à melhoria de condições de vida das massas populares.

Somente a partir do século XX, o entusiasmo pela educação dava a impressão de tomar forma. Depois da primeira guerra mundial, uma pesquisa verificou através de estatística, que o Brasil era o país com maior índice de analfabetismo. O que foi muito ruim para sua imagem, fazendo com que os nacionalistas se envergonhassem dessa condição. Iniciou-se então a defesa da difusão do ensino para as massas, visando o combate ao analfabetismo, verificando também que até esse período, não existiam profissionais da educação, nem no sentido geral ou pedagógico.

Segundo a autora o entusiasmo pela educação:

Caracterizado por preocupações eminentemente quantitativas em relação à difusão do ensino, visava à imediata eliminação do analfabetismo através da expansão dos sistemas educacionais existentes, ou da criação de para-sistemas, de programas paralelos- de iniciativa oficial ou privada, abstraindo os problemas relativos à qualidade do ensino ministrado (PAIVA, 2003, p. 37).

O nacionalismo originado pela guerra, nem sempre estava relacionado ao otimismo pedagógico, pois ao mesmo tempo em que se tinham preocupações com a área educacional, tinham receio que com a alfabetização, as pessoas que antes se conformava com sua condição social, devido ao seu estado de alienação, passassem a aspirar condições melhores, podendo se rebelar e assim colocar em perigo a ideologia dominante que governava o país, segundo Paiva (2003, p. 103), “era preciso educar o povo sem formar descontentes que pudessem

constituir uma ameaça ao progresso e a harmonia social; os ideais de recomposição do poder político não incluíam, nesse período, ‘ameaças à estrutura social’”.

O combate ao analfabetismo, que chegou a ser visto como problema principal naquele momento, e que o combatendo, resolveria os problemas restantes do país, que visto por este ângulo atribuía todos os problemas à falta de conhecimento da nossa população, fez surgir ali o preconceito relacionado ao analfabeto, que era visto como sujeito incapaz, e responsável pela condição precária em que nosso país se encontrava, atribuindo-lhe a responsabilidade de estarmos em situação de pobreza, sofrendo assim grande discriminação e somente mais adiante foi constatado o contrário.

Visto assim, a falta da educação sendo responsável por todos os problemas, chama a atenção para a importância da difusão do ensino, e tentando ao mesmo tempo mascarar, tirando da economia e da formação social, a origem dos problemas mais relevantes.

Ainda segundo a autora, o médico “Miguel Couto² afirmava que "o analfabetismo não é só um fator considerável na etiologia geral das doenças, senão uma verdadeira doença, e das mais graves” (PAIVA, 2003, p. 109), foi o teórico que mais defendeu essa posição de que a ignorância era a responsável por todos os problemas nacionais, e com isso o preconceito contra o analfabeto tomou forma extrema:

“Analfabetismo é o cancro que aniquila o nosso organismo, com as suas múltiplas metástases, aqui a ociosidade, ali o vício além o crime. Exilado dentro de si mesmo como em um mundo desabitado, quase repellido para fora da espécie pela sua inferioridade, o analfabeto é digno de pena e a nossa desídia indigna do perdão enquanto não lhe acudirmos com o remédio do ensino obrigatório” (PAIVA, 2003, p. 38).

Ficou nítido aqui o preconceito sofrido pelo analfabeto, e ao atribuir à educação a solução de todos os problemas nacionais como a autora coloca, vemos uma tentativa de justificar as estruturas sociais, políticas e econômicas vigentes. Para Miguel Couto o maior problema do país era o não saber ler e escrever, e somente adquirindo essas técnicas, poderíamos combater a doença do analfabetismo que segundo ele éramos microcéfalos. Ao mesmo tempo a autora ainda ressalta que houve manifesto contra o combate ao analfabetismo, pois o mesmo acarretaria em semianalfabetos, caso não tivesse uma boa difusão do ensino.

² Em sua concepção, “o analfabeto é um microcéfalo: a sua visão física estreitada, porque embora veja claro, a enorme massa de noções escritas lhe escapa; pelos ouvidos passam palavras e ideias como se não passassem; o seu campo de percepção é uma linha, a inteligência, o vácuo; não raciocina, não entende, não prevê, não imagina, não cria (PAIVA, 2003, p. 109).

É afirmado mais uma vez por Paiva (2003), a perpetuação do entusiasmo da educação, por um período posterior em nossa história, onde um dos responsáveis foi o fato do mesmo ter um caráter humanitário.

Após o surgimento dos primeiros profissionais da educação, que eram mais preocupados com a qualidade do ensino do que a quantidade, surge o otimismo pedagógico, sendo uma perspectiva interna, que segundo a autora Paiva (2003, p. 40), “o “otimismo pedagógico” caracteriza-se pela preocupação com funcionamento eficiente e com a qualidade dos sistemas de ensino dos movimentos educativos”. Ao deixar de lado a preocupação com a quantidade de educação ofertada, mas sim com a qualidade da educação, os mesmos elaboraram a característica principal do otimismo pedagógico, conforme a autora:

A desvinculação entre o pensamento pedagógico no Brasil e a reflexão sobre o social, traço que até a década dos 60 dominou de forma quase absoluta os nossos meios pedagógicos, e que ainda hoje pode ser encontrada nos meios educacionais brasileiros (PAIVA, 2003, p. 41).

Para Paiva (2003), isso se deve ao fato da preocupação com a modernização do sistema, deixando de lado a consciência de que a educação tinha função de instrumento de conservação ou transformação da sociedade.

Referindo - se ao realismo em educação, Paiva (2003):

Denominamos como “realismo em educação” a abordagem dos problemas educacionais sem unilateralidade, ou seja, do ponto de vista objetivo, tanto de uma perspectiva interna, quanto de uma perspectiva externa; o tratamento das questões educativas sem perder de vista a importância da qualidade do ensino, mas levando também o papel desempenhado pelo sistema educacional e por outros movimentos educativos na sociedade como um todo, suas consequências sobre a ordem vigente nos planos político, social e econômico (PAIVA, 2003, p. 41).

Aqui esses profissionais em educação se mostram mais realistas, comparado a outros grupos. Preocupados com a qualidade do ensino para as diferentes áreas as quais desenvolveriam tarefas que pudessem fazer progredir, seja área social, econômica ou política.

Depois de ver um pouco sobre os movimentos, perguntamos afinal, o que é educação popular? Conforme afirma (Paiva, 2003, p. 56):

Entende-se por educação popular, frequentemente, a educação oferecida a toda população, aberta a todas as camadas da sociedade. Para tanto, ela deve ser gratuita e universal. Outra concepção da educação popular seria aquela da educação destinada às chamadas “camadas populares” da sociedade: a instrução elementar quando possível, e o ensino técnico profissional Tradicionalmente considerado, entre nós, como ensino “para desvalidos”.

Depois de ver o significado da educação popular, agora veremos que por muito tempo a educação dos adultos estava relacionada à educação popular, fazendo parte da mesma, onde a difusão do ensino elementar³ incluía as escolas noturnas para os adultos, sendo a única forma naquele momento de se ofertar esse tipo de ensino. E somente mais à frente, a educação de adultos passa a ser trabalhada separadamente, sendo considerada como educação de base ou alfabetizadora, tendo um olhar voltado diretamente para a mesma.

Criado em 1942, o Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), serviu de ponto de partida para que a Educação de Adultos pudesse ter um olhar especial voltado para si, dando-lhe sua independência. Lembrando que o FNEP só passou a funcionar em 1946, como afirma Paiva (2003), onde se verificou altos índices de analfabetismo no país.

A autora faz uma pequena referência sobre educação de adultos:

Ao tratar da educação dos adultos, nós havíamos conceituado como toda educação destinado àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não logrando alfabetizar-se e obter conhecimentos básicos correspondentes aos primeiros anos do curso elementar. Nesse sentido a educação dos adultos identifica-se como educação popular devido á conotação classista da seletividade do nosso sistema de ensino (PAIVA 2003, p. 26).

Segundo a literatura, depois da segunda guerra houve a criação da United Nations Education Social and Cultural Organization- UNESCO, pois como estava em foco a legitimidade dos representantes do governo, fazia-se necessário a educação das massas, para assegurar os princípios democráticos. Lembrando que outro objetivo claro da época eram aumentar suas bases eleitorais em pouco tempo.

Foi abordado também o fato de que, os que estão no poder vão subordinar o processo de ensino educativo através das reformas educacionais que favorecem sempre a seus próprios interesses, ou seja, os pensamentos das elites dominantes, fazendo com que a educação ficasse dependente de suas vontades, e por conta disso muitas vezes não se alcançavam os objetivos que os movimentos educacionais tanto lutavam para conseguir desenvolver-se, pois quem estava no poder acreditavam que se as pessoas se tornassem instruídas e tivessem consciência de certos desmandos a que eram submetidas, eles perderiam o controle sobre elas, interrompendo assim os seus objetivos de controlar a população mais carente, ou seja, as massas populares, através do poder e assim continuar dominando as classes mais pobres em favor de seus interesses, sem que as mesmas tomassem consciência de que estavam sendo manipuladas.

³ Ensino das primeiras letras.

Quando se diz que a educação pode servir aos objetivos de mudança social, se refere ao fato de se ter cuidado para que a mesma não seja apenas uma força a serviço da conservação social da classe dominante, sendo assim, podemos considerar o que a autora Paiva (2003) afirma:

O problema está em que o sistema de ensino, quando não pertence ao Estado, liga-se às classes dominantes, a grupos cujos interesses coincidem frequentemente com os daqueles que detém – hegemonicamente – o poder político: os movimentos educativos para- escolares alguma amplitude necessitam de recursos que só podem ser oferecidos pelo poder público ou por instituições ou grupos economicamente poderosos (PAIVA 2003, p. 31).

A autora faz referência ao fato de a educação ser um campo onde pessoas viram a oportunidade de se promover, e quando a oposição dos grupos que estavam no poder conseguia chegar lá, faziam o mesmo que seus antecessores, agindo de forma a satisfazer seus próprios interesses. E toda vez que surgiam crises de interesses, logo havia a necessidade de se fazer reformas, refletindo assim cada momento histórico, e que nem sempre atendia a necessidade do povo. Que a educação permite que o sistema vigente possa mudar ou se conservar em uma sociedade prendendo-se à vida política do que qualquer outro aspecto da vida social.

O primeiro educador a publicar um trabalho precisamente relacionado à educação de adultos foi Pascoal Leme nos anos 30. É colocado que a educação era ofertada por cristãos em maioria católicos na área educativa sempre voltada de preferência para as elites, e quando acontecia para os mais pobres, era apenas de maneira auxiliar.

Durante o período colonial a educação popular que se tinha era a dos jesuítas e outras ordens religiosas. Lembrando que os jesuítas foram pioneiros em promover em nosso país a primeira forma de educação, que naquela época era a única. Pois os mesmos utilizavam a educação como uma maneira de catequizar os povos indígenas e negros tornando-os cristãos, e consolidar o domínio português sobre eles, além de colonizar os indígenas e educá-los para que fossem submissos e os escravos para que deixassem de cultuar seus deuses, fazendo com que ambos fossem dominados com os costumes portugueses e cristianizados. E para isso, era preciso ter alguma instrução, mesmo que fosse religiosa. Após o Alvará de 28 de junho de 1758 - a Reforma de Pombal, os religiosos são expulsos com seus modelos de educação considerados nocivo, o que afetou tanto a educação das elites como educação popular.

“Já afirmamos que a educação popular se desenvolveu de forma muito desigual no conjunto do país, e que as informações sobre a situação do ensino são escassas e precárias” (PAIVA, 2003, p. 76). Segundo esta autora, o desenvolvimento se deu de forma desigual, pois

a região centro sul, naquela época tinha condições melhores para difundir o ensino, em relação a outras regiões do país.

Dois projetos importantes são citados pela autora (Paiva 2003): o de Couto Ferraz, apresentado em 1851, transformado em Lei três anos depois, e a Reforma Leôncio de Carvalho de 1878⁴ que “considerava obrigatório o ensino entre 7 e 14 anos, eliminando a proibição quanto aos escravos” (PAIVA, 2003, p. 81), que deu origem ao Parecer de Rui Barbosa de 1882⁵. Lembrando que Rui Barbosa⁶ foi um dos que mais se preocupou com a educação popular em nosso país.

Na Constituição de 1824, as eleições eram indiretas e o critério para votação era a renda, excluindo maior parte da população, contudo não existia restrição à questão da instrução. Já a Lei Saraiva de 09 de janeiro de 1881, tornou a eleição direta, e pela primeira vez houve restrição ao voto do analfabeto. Assim para votar a partir de 1882, teriam que saber ler e escrever, além da renda como condição como anteriormente estabelecida na Constituição de 1824. Um dos defensores da Lei Saraiva, foi Rui Barbosa, que acreditava que com essa restrição, muitos das classes populares iriam tentar uma forma de se instruir, para poder participar das questões políticas, tendo assim representação junto aos poderes públicos, dos quais não participavam.

Durante as décadas iniciais da república, em termos reais, pouco se fez em relação à difusão do ensino elementar. Em 1938, criou-se o Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas-INEP, para tratar dos problemas da área da educação, que nesse momento já era reconhecida como área técnica, onde educadores ocupavam cargos importantes relacionados à gestão do ensino, que antes eram ocupados por políticos, e assim colocar em prática as idéias defendidas por eles, como o auxílio que os mesmos foram solicitados a prestar na elaboração de políticas públicas nacionais da educação durante a IV Conferência Nacional de Educação “para tratar do tema “As Grandes Diretrizes da Educação Popular”, é que esse prestígio pode ser constatado como uma conquista sólida” (PAIVA, 2003, p. 133), ocorrido em dezembro de 1931, dando surgimento a idéia do Manifesto dos Pioneiros⁷. Que defendiam entre outras

⁴ A Reforma Leôncio de Carvalho enfatizava a necessidade de promover a criação de cursos elementares noturnos; estava em discussão a Lei Saraiva e a ênfase sobre a educação dos adultos ligava-se à reforma eleitoral “para cujo êxito poderosamente contribuirá o desenvolvimento da instrução popular”, pois tornava-se a eleição direta e introduzia-se a restrição ao voto do analfabeto. Dados de Paiva (2003, p.81).

⁵ O parecer Rui Barbosa, é inegavelmente, o mais importante documento relativo á educação de todo o império. Ver Paiva (2003, p.86).

⁶ Rui Barbosa (Rui Barbosa de Oliveira), advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador, nasceu em Salvador, BA, em 5 de novembro de 1849, e faleceu em Petrópolis, RJ, em 10 de março de 1923. Ver mais sobre em <http://www.academia.org.br/academicos/rui-barbosa/biografia>.

⁷ Lançado em 1932, formado por um grupo de educadores que lutavam pela renovação da educação em nosso país, que surgiu depois da revolução de 1930. Ver Piletti; Claudino (2014, pp. 173-174).

propostas “uma educação pública, obrigatória, gratuita, leiga e sem segregação de qualquer espécie” (PILETTI; CLAUDINO, 2014, p. 177), também eram contra a educação tradicional, e assim dando origem à Escola Nova.

Na área técnica, foi com Anísio Teixeira, participante do movimento renovador, que “pela primeira vez no país é a educação claramente percebida como instrumento de ação política contra a ordem vigente, como um meio de recomposição do poder político fora do sistema democrático liberal republicano” (PAIVA, 2003, p. 135).

Em 1860 surgiu a primeira escola noturna no estado do maranhão, em São Bento, e quem dirigia a mesma era João Miguel da Cruz.

Sobre a Educação Rural, em 1937 foi fundada a Sociedade Brasileira de Educação Rural, “organizada com o objetivo de propagar a educação rural e de estudar e difundir nosso folclore e artes rurais” (PAIVA, 2003, p. 139). Já a campanha Nacional de Educação Rural (CNER), surgiu em 1952, foi um dos mais importantes acontecimentos em favor da educação no campo, e esteve em atividade entre os anos de 1952 a 1963, sendo extinta pelo Ministério de Educação e Cultura- MEC, junto com outras campanhas da época e seu principal instrumento eram as Missões Rurais de Educação.

A Primeira Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA⁸, considerada “a primeira grande campanha de educação dirigida predominantemente ao meio rural” (PAIVA, 2003, p. 204), e também campanha de massas para os adultos segundo Paiva (2003). Seu princípio político era relacionado ao aumento de bases eleitorais, seguido de idéias de integração para justificar o caráter social e incremento da produção para o econômico.

A campanha era considerada uma forma de oportunizar aos analfabetos a saírem da marginalidade em que se encontravam através da alfabetização, e assim livrar as pessoas alfabetizadas de conviver com os mesmos. Mas antes do final da campanha algumas idéias relacionadas ao analfabeto se modificaram, sendo agora valorizados.

O Primeiro Congresso de Educação de Adultos ocorreu em 1947, e tinha como slogan “ser brasileiro é ser alfabetizado”, tendo trocas de experiências e exposição de trabalhos educativos direcionados aos adultos de vários estados. O segundo Congresso de Educação dos Adultos aconteceu em 1958, onde com a ajuda de profissionais da educação, “seu objetivo seria o estudo do problema da educação dos adultos em seus múltiplos aspectos, visando seu aperfeiçoamento” (PAIVA, 2003, p. 235), e nesse mesmo ano foi criada a Campanha

⁸ “Nasceu da regulamentação do FNEP e seu lançamento se fez em meio ao desejo de atender aos apelos da UNESCO em favor da educação Popular” (PAIVA, 2003, p. 206).

Nacional de Erradicação do Analfabetismo- CNEA, que tinha a pretensão de ser um programa com o objetivo de se dirigir à educação de adultos.

O Movimento de Educação de Base⁹ “começou a caracterizar-se como um movimento de cultura popular – desenvolvendo uma metodologia própria- a partir do seu segundo ano de atuação” (PAIVA, 2003, p. 268), funcionando desde o ano de 1961. Tinha o objetivo de ofertar à população rural, maior condição de alfabetização.

Sobre a criação do Movimento de Cultura Popular- MCP que data de 1960, ligado à prefeitura de Recife, a autora afirma:

O movimento pretendia encontrar uma fórmula brasileira para a prática educativa ligada às artes e à cultura do povo e suas atividades estavam voltadas, fundamentalmente, para a conscientização das massas através da alfabetização, e da educação de base (PAIVA, 2003, p. 264).

Pretendiam com isso difundir a nossa cultura, pois a cultura que se tinha era a estrangeira, e através das culturas das massas populares, transformar, conscientizar e libertar o homem, nas esferas econômicas- social e político-cultural.

O método Paulo Freire¹⁰ foi organizado em 1962, “não era uma simples técnica neutra, mas todo um sistema coerente, no qual a teoria informava a prática pedagógica e seus meios” (PAIVA, 2003, p. 279). O pensamento de Paulo Freire originava-se de uma visão cristã de mundo, e foi o que mais influenciou profissionais da educação de forma geral:

A prática do método Paulo Freire tinha como base inicial o levantamento do universo vocabular dos grupos com os quais a equipe pretendia trabalhar. Em seguida eram escolhidas as palavras no universo vocabular pesquisado, devendo ser selecionadas pela sua riqueza fenomênica, pelas dificuldades fonéticas da língua e pelo engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, ou política. Tais palavras eram relacionadas as situações existenciais típicas dos grupo, que serviam como ponto de partida de discussão, à qual se seguia a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores. Para esse trabalho era necessário uma adequada preparação dos coordenadores e a confecção de material didático através de slides e cartazes (PAIVA, 2003, p. 281).

Paulo Freire adotava palavras geradoras do dia a dia das pessoas, ao invés de cartilhas no processo de alfabetização pela conscientização com pessoas analfabetas. Assim a Secretaria de Educação do Estado do Rio do Grande do Norte efetuou uma campanha publicitária para a divulgação de seu método alfabetizador, tornando-o conhecido

⁹ “Definia-se o MEB como um movimento de cultura popular com características e metodologia próprias, partindo da educação sistemática para alcançar mais profundidade na atuação educativa sobre as comunidades” (PAIVA, 2003, p. 270).

¹⁰ O que dizem outros autores: “Paulo Reglus Neves Freire nasceu no bairro da Casa amarela, Recife, no dia 19 de setembro de 1921 e faleceu em São Paulo Em 1977” (PLIETTI; CLAUDINO, 2014, p. 201).

nacionalmente. O Movimento Brasileiro de Alfabetização- MOBRAL foi criado em 15 de dezembro de 1967, pela Lei nº 5.379¹¹, durante o regime militar com o intuito de promover a educação dos adultos. Sobre o movimento “O projeto político MOBRAL surgiu e se definiu por oposição e como alternativa aos movimentos sociais e educacionais inspirados na pedagogia de Paulo Freire, reprimidos pelo regime militar” (PLIETTI; CLAUDINO, 2014, p. 201).

Com as constantes trocas de governos ocorrem as discontinuidades de projetos que vinham sendo desenvolvidos, isso acabava atrapalhando em muito para que a educação progredisse, o que chamou a atenção foi o fato da EJA não avançar, pois ela só veio conseguir desenvolver-se depois da L.D.B. de 1996, quando passou a ter um parâmetro próprio, e que somente depois do ano 2010, que veio ser colocado em prática. Ao longo das leituras em alguns momentos verificamos como o processo de educação passou por diversas dificuldades, devido a vários fatores, sendo o mais marcante a constante submissão aos grupos dominantes que estavam no poder.

1.1 LEGISLAÇÃO E PARÂMETROS CURRICULARES

Na constituição de 1988 é assegurado o direito a todos de terem acesso à educação, inclusive educação de jovens e adultos:

Alterações do Artigo 208 (Emenda Constitucional Nº 59 de 11 de novembro de 2009):

Art. 1º Os incisos I e VII do Art. 208 da Constituição Federal passam a vigorar com as seguintes alterações:

Art. 208.....

I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didáticoescolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

No artigo 205, “Retomado pelo Artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB 9.394/96, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como

¹¹ Esta lei atribuía ao Ministério da Educação a tarefa da alfabetização Funcional e educação continuada dos adultos, como prioritária entre as demais atividades educativas, a ser realizada através da nova Fundação, cuja presidência caberia ao diretor do DNE (PAIVA, 2003, p. 321).

um universo de referências sem limitações” (BRASIL 1996), incluindo assim as pessoas que não tiveram esse acesso por alguma razão no tempo certo para cada etapa.

Sobre os direitos da Educação de Jovens e Adultos:

Trata-se de um direito positivado, constitucionalizado, e cercado de mecanismos financeiros e jurídicos de sustentação. Esclareçamos que, a Educação de Jovens e Adultos está baseada no que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, - LDB 9.394.96, no Parecer CNR/CNB Nº 01/2000, no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172/01), no Plano de Desenvolvimento da Educação, nos Compromissos e acordos internacionais (BRASIL, 1996).

Podemos ver que são direitos que devem ser respeitados, já que são muito bem fundamentados. Ainda de acordo com a legislação vigente, que tem como princípios da Educação de Jovens e Adultos, a EJA tem as seguintes funções: reparadora, equalizadora, qualificadora, as quais designam um papel importante na educação desses jovens e adultos:

Reparadora, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano.

Equalizadora, vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação.

Qualificadora, mais do que uma função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares (BRASIL, 2000, grifo do autor).

Essas são as principais leis, consideradas para embasamento dos direitos de educação assegurados à classe de jovens e adultos, que estão em foco para o desenvolvimento deste trabalho.

De acordo com a Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental, sua função é servir de subsídio para elaboração de programas de educação para se trabalhar com jovens e adultos, o mesmo é formado por vários capítulos, e nele é citado que alguns professores que integram o corpo docente da educação de jovens e adultos já tiveram contato com o ensino regular, e uma das principais características da EJA, é a variedade do seu público e os vários modelos de programas organizados de forma formal e informal.

Quando se trata da Educação de Jovens e Adultos, constatamos que propor parâmetros se torna complicado, devido a diversos fatores que podem implicar em sua duração, como exemplo é citado a carga horária, os critérios de organização das turmas além da seriação, onde as turmas multisseriadas com pessoas com diferentes tipos e domínios de escrita, podem ser comuns nesse tipo de educação.

A Proposta Curricular do Segundo Seguimento para o ensino da EJA foi organizada pela Coordenação de Educação de Jovens e Adultos- COEJA, com o intuito de promover a construção de uma educação básica para jovens e adultos, direcionada para a cidadania, não somente com ofertas de vagas, mas lhes dando um ensino de qualidade, onde professores capacitados teriam a oportunidade de colocar em prática o que se tem trabalhado e pesquisado para melhoria no âmbito escolar, sem deixar de atentar para as dinâmicas sociais, e de subsidiar também os processos de reorientação adequados para o ensino do público da EJA.

Sobre a EJA, de acordo com as literaturas e suas resoluções legais, existem diversas questões que são comuns quanto ao seu modo de funcionamento, pois existe todo um embasamento legal, que especifica e esclarecem de certa maneira, as dúvidas mais frequentes que são referentes à sua carga horária, as idades específicas que dão direito a essas pessoas terem acesso a esse tipo de educação, a formação dos profissionais que atuarão nessa área, como se dá o processo de autorização desses cursos, assim como várias outras que surgem relacionadas à mesma. Levando ao questionamento sobre as causas desse fenômeno e como os sistemas de ensino vêm enfrentando essa questão para evitar o problema da evasão escolar.

De acordo com a L.D.B. Nº 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996 em seu Título I:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 (L.D.B.), determina que a educação deve ser de acesso a todos, e deve acontecer em todos os aspectos e esferas sociais.

O segundo capítulo da proposta curricular do segundo seguimento faz referência aos fundamentos e objetivos gerais da proposta curricular, onde traz um pouco mais sobre o público dos programas de jovens e adultos no Brasil, que geralmente são pessoas que não completaram os seus estudos durante os quatro anos de escolaridade até os quatorze anos, mais os que são considerados analfabetos.

A mesma também coloca a falta de condições de algumas famílias em manter os filhos na escola, sendo a pobreza uma das responsáveis pelos baixos níveis de escolarização, e que faz com que se tornem públicos da educação de jovens e adultos, além de fazer referência à questão do processo ensino aprendizagem e formação de professores, além do fracasso escolar produzido nas escolas, e discriminação que os alunos das camadas populares sofrem, tanto por parte de alguns professores, como por outros setores da sociedade que estão incluídas.

2. APORTES TEÓRICOS: SOBRE A EVASÃO ESCOLAR E REPETÊNCIA, FORMAÇÃO DE PROFESSORES, CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA E PRODUÇÃO DO FRACASSO, E A NECESSIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA

Relativo à Evasão¹², segundo os autores utilizados, é definida como a saída ou abandono da escola pelo aluno sem concluir seus estudos. Comprovam que a repetência, defasagem nos estudos, reprovação escolar geram fracasso escolar levando à evasão. Também considerada um elemento social, que gera consequências de gravidade sociais e econômicas, gerando prejuízos e perdas.

Veremos o que as autoras Brandão, Bianchini e Rocha (1985) enfatizam em seu trabalho: *Evasão e Repetência no Brasil: A Escola Em questão*, onde constata algumas questões importantes para que possamos entender como esses fatores têm sido trabalhados. Também iremos ver o que a autora Maria Helena Souza Patto (2015) traz em seu trabalho *Produção do Fracasso Escolar Histórias de Submissão e Rebeldia*, sendo um dos principais trabalhos já produzido que aborda essa questão, além de outros artigos que tratam da mesma temática.

A partir destas leituras, será feita uma apresentação sobre as principais causas da evasão escolar apontadas pelos autores utilizados para fundamentar esse trabalho. Tentando entender como o fracasso e a evasão estão sendo tratados nos dias atuais, visto que as causas do problema fazem com que alunos evadam das escolas de forma bastante significativa conforme os autores que foram empregados para desenvolvê-lo, lembrando que o foco desse trabalho será a área da Educação de Jovens e Adultos- EJA.

Ressaltando que cada aluno tem suas individualidades e vivências, fatores que fazem diferença em suas atitudes e comportamentos devido ao seu meio social e cultural, abordando também a importância da escola saber prevenir com meios ou recursos, formas de se evitar a evasão de alunos de seus espaços, como forma de evitar a exclusão e o preconceito causados a esses alunos, que muitas vezes são segregados, rotulados e tomados como incapazes e responsáveis pela sua evasão e fracasso.

¹² (e.va.são) s.f. 1. Ato ou efeito de evadir (-se); fuga, escapada. 2. Ato de largar (um lugar, uma pessoa, uma situação etc.) sem pensar em voltar; abandono, desistência. Ver *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa*, 2001, p. 557).

2.1 EVASÃO E REPETÊNCIA: O PRECONCEITO COM O ALUNO DE BAIXA RENDA, A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E OS FATORES ESCOLARES

Uma das principais abordagens acerca da evasão pelas autoras Brandão, Bianchini e Rocha (1985) se dá pelo fato de haver poucas pesquisas, onde as autoras afirmam ser limitada a produção de conhecimento nessa área “o trabalho que ora apresentamos poderá ilustrar como é pequena e limitada a produção do conhecimento a esse respeito” (BRANDÃO; BIANCHINI; ROCHA, 1985, p. 10), asseveram ainda, que não só a escassez de pesquisas a respeito da evasão é o maior problema, mas também a má qualidade dessas pesquisas. Reafirmam ainda, a pouca importância dada ao problema da evasão por parte dos pesquisadores “sobre evasão e repetência só encontramos 15 % que compõem esse grupo, e nesse caso este número reflete bem o quão pouco este tema tem recebido a atenção dos pesquisadores” (BRANDÃO; BIANCHINI; ROCHA, 1985, p. 40). Mas ao mesmo tempo, colocam a questão que muitas vezes as instituições não cedem os dados para os pesquisadores, no intuito de não mostrar a situação real do problema existente e que poderia comprometê-los, como exemplo falhas no setor educativo, e mais, que muitas pesquisas não possuem credibilidade consistente.

Outro ponto importante citado pelas autoras é o fato da evasão e repetência ter uma taxa muito maior nas séries do 1º grau¹³, remetendo para o problema da seletividade social dentro da escola, é declarado que há diferentes formas de tratamentos quanto aos alunos e suas condições sociais, e a partir desta constatação asseguram que existem indícios relevantes que demonstram os tratamentos desiguais por parte dos professores e das escolas. Sobre isso elas comentam:

A pesquisa de Brandão aponta que, no que se refere à atitude do professor, foi observado estereótipos e preconceitos em relação ao aluno por parte do corpo docente, sobretudo em relação aos mais “carentes”. Os professores explicitavam que grande parte dos seus alunos eram “carente”, “imatuross”, perdidos ... sendo que as crianças do CADs são vistas como “doentes” e ‘anormais”. Foi notada uma preocupação em patologizar os alunos. As famílias também são encaradas de forma depreciativa (BRANDÃO; BIANCHINI; ROCHA, 1985, p. 72).

Somando-se a isso, do mesmo modo por meio de pesquisas, Patto (2015) corrobora à questão do preconceito:

Tais pesquisas confirmam aos educadores a propriedade de sua visão preconceituosa das crianças pobres e de suas famílias, impedindo-os assim, de olhar para a escola e a sociedade em que vivem com olhos mais críticos (PATTO, 2015, p. 74).

¹³ O mesmo foi substituído pelo ensino fundamental que vai do 1º ao 9º ano.

A mesma autora assegura em seu trabalho que “a crença na incompetência das pessoas pobres é generalizada em nossa sociedade” (PATTO, 2015, p.74), onde muitas vezes até pesquisadores abastecidos de um referencial teórico crítico, não estão escapes da mesma visão. E que além de profissionais que atuam na escola, outros profissionais como médicos e psicólogos, operam de forma ativa no processo de qualificar o aluno na maioria das vezes como deficiente mental. A autora ainda cita:

Dizem para o oprimido que a deficiência é dele e lhe prometem uma igualdade de oportunidades impossíveis, através de programas de educação compensatória que já nascem condenados ao fracasso quando partem do pressuposto que de que seus destinatários são menos aptos à aprendizagem escolar (PATTO, 2015, p. 74).

Diante disso podemos ver que os alunos de classes mais baixas sofrem um preconceito maior, sendo discriminados por alguns desses profissionais que deviam ajudá-los, e mais, se estes não mudarem a concepção quanto à maneira de considerar esses alunos incapazes, esses programas estarão fadados a não dar certo, por considerar esses alunos como certo de fracassarem em seus estudos.

Além dos estereótipos que já recebem, existem outros por parte de alguns pesquisadores brasileiros, quanto às pessoas mais pobres como afirma Patto (2015):

[...] duas características frequentemente atribuídas, nessa literatura, as populações carentes – foram tomadas acriticamente por pesquisadores brasileiros como características da clientela das escolas de periferia; como consequência, o trabalho pedagógico, nessas escolas, foi definido como um trabalho dirigido à crianças inevitavelmente “rebeldes”, malcriadas, carentes de afeto, apáticas, ladras, doentes, sujas, famintas” e as famílias “desestruturadas, ignorantes, desinteressadas”, não havendo como fugir dessa situação que “ se impões com todo o peso da realidade de que é fruto” [...] (PATTO, 2015, p. 139).

Nessa referência da autora, fica evidente a descrença por parte de pesquisadores quanto ao aluno da periferia, que embora tenham uma visão mais ampla do problema, e melhor conhecimento da condição que essas pessoas estão sendo preconizadas, como já foi referido, também usam termos depreciativos não só com relação ao aluno, mas às suas famílias, julgando ser impossível escapar da condição em que vivem, onde se ironiza a forma que o trabalho pedagógico é dirigido a esse público.

Em suas análises Brandão, Bianchini e Rocha (1985) argumentam que alunos que frequentam a pré-escola se desenvolvem mais rápido, apresentando melhor rendimento:

Ainda em relação às características da criança face aos problemas de evasão e repetência no início da escolarização as pesquisas de Wolff e Hees afirmam que as

crianças que frequentaram o jardim de infância apresentam melhor rendimento do que aquelas que não o fizeram (BRANDÃO; BIANCHINI; ROCHA, 1985, p. 69).

Deixando bem claro a importância de as crianças frequentarem o jardim de infância, ainda observaram que alunos que fizeram o pré-escolar evadem e repetem menos do que as crianças que não frequentaram essa modalidade de ensino que antecede a alfabetização. Em seus estudos e pesquisas, as autoras verificaram ainda nas literaturas que fundamentaram seu trabalho, que a escola não beneficia o aluno, pelo contrário ela vai contra ele:

No entender de Rasche, a instituição não trabalha *para* mas *contra* a criança e aponta que 180 dias como insuficientes para a criança pobre aprender a ler. Esta medida revela um sistema altamente discriminatório pois, a criança de classe média que frequenta o pré-escolar já chega na 1ª série “pronta” para aprender a ler enquanto a criança de classe popular não tem a mesma oportunidade. Este fardo inclusive se constitui num “pesado fardo” para os professores de 1ª série que contam apenas com uma fraca formação (BRANDÃO; BIANCHINI; ROCHA, 1985, p. 76).

Além de ser pouco o tempo para alfabetizar a criança, elas destacam a forma que as crianças chegam na sala de aula, possuindo níveis desiguais de aprendizagem devido a seletividade social, pois a criança que frequenta o pré-escolar, tem maior chance de desenvolver-se, do que a que não teve a mesma oportunidade, o que poderia explicar o fato das crianças mais pobres encontrar maior dificuldade no processo de ensino aprendizagem. O que termina gerando uma dificuldade ainda maior ao professor, que possui na maioria das vezes, uma formação precária, sem saber o que fazer frente a esta situação, podendo comprometer o rendimento da criança.

Também concluem em suas pesquisas que existem professores despreparados para tratar com a questão da repetência, onde muitos vão parar em salas de retenção sem ao menos ter qualquer preparação ou orientação para trabalharem com esses alunos, que exigem um pouco mais de atenção, e que muitos deles não têm outra opção de aprender se não na escola, pois existem muitos pais não conseguem ajudar os filhos devido também à falta de estudos.

Igualmente chamam a atenção por acontecer em alguns casos, da formação do professor quanto mais distante for da série que ele trabalha, menos estímulo ele tem para trabalhar com seus alunos, por estarem muito aquém de sua qualificação profissional, pois os mesmos trabalham em péssimas condições, sendo desmotivados e desvalorizados, o que faz com que estes mesmos professores reproduzam suas práticas pedagógicas, sem perspectiva de mudança, conservando problemas gerados pela evasão, ao invés de achar soluções para os problemas causados pela evasão.

Em relação ao despreparo de professores, na EJA a formação do profissional que vai atuar nessa área, segundo Souza (2011), é fundamental que sejam desenvolvidas práticas adequadas para esse público, assim como a formação continuada para aprimorá-la, como afirma “o objetivo da formação é melhorar a qualidade da intervenção do educador, não apenas o seu discurso” (SOUZA, 2011, p.133). A este respeito Freire (1996) corrobora com SOUZA (2011), ao considerar ser imprescindível que o professor se aperfeiçoe para estar à altura de sua função “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe” (FREIRE, 1996, p.103).

Ao mesmo tempo em que se critica a prática e a forma que o professor muitas vezes discrimina ou já considera o aluno de classe mais baixa como incapaz, sendo responsável pelo seu fracasso escolar, devemos levar em consideração que não são todos, existindo ainda professores compromissados com seu trabalho, e com a aprendizagem de seus alunos.

Outro assunto abordado por Brandão, Bianchini e Rocha (1985) tratam da rotatividade de professores, as autoras deixam claro que elas interferem no rendimento dos alunos, sendo ideal que os mesmos professores acompanhem os mesmos alunos por mais períodos. E quanto à repetência, declaram ser uma das antecessoras da evasão, e ainda contribui para distorção idade série, afirmam ainda existir uma discriminação quanto aos alunos evadidos e repetentes, e quando acontece de o aluno repetir várias vezes, termina que as famílias desses alunos os tiram da escola, por não conseguirem avançar nos estudos, fazendo com que abandonem o ensino.

Ainda de acordo com as autoras, além de ser difícil fazer as pesquisas, muitas vezes tem também a dificuldade de as acessar. E mais, o fato dos financiamentos de pesquisas terem muita burocracia muitas vezes compromete a qualidade das mesmas.

Defendem que o baixo rendimento do aluno está ligado à repetência. Vemos ainda em seu trabalho, que nem a retenção nem a promoção automática ajuda o aluno com baixo rendimento, e quanto menor a aquisição socioeconômica do aluno, mais vulnerável ele está quanto à evasão.

Afirmam ainda que muitas vezes o aluno é acusado de seu fracasso, atribuído à falta de esforço, inteligência, ou formação moral, e que às vezes a escola faz o aluno sentir-se deslocado por sua situação, fazendo com o que o mesmo aspire outras condições, mas a mesma não dá suporte necessário, e faz com que este evada da escola por não conseguir novas aspirações. E mais, é afirmado que as famílias mais pobres se contentam ao menos com os filhos chegarem a ser alfabetizados, enquanto as com mais condições, já almejam mais do que

isso para os seus filhos, quanto maior sua aquisição econômica, melhores condições de educação desejam para os seus filhos.

Neste contexto as autoras sugerem uma melhor atenção para a criança visando aumentar seu rendimento escolar, em seu trabalho, abordando também a questão de salário e formação de professores estarem interligada ao rendimento do aluno, pois desta maneira formação terá melhor proveito, e seguindo esta linha, citam alguns mecanismos de exclusão que veremos a seguir.

2.2 PRINCIPAIS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA E A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NA PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR

Patto (2015) faz uma introdução relacionada ao histórico da educação de um modo mais geral, e seu trabalho foca principalmente da educação direcionada as camadas populares, onde o índice de evasão é considerado em maior quantidade. O que a autora defende em seu ponto de vista sobre o fracasso escolar, é reafirmado por outros autores que também tratam da mesma temática. Sobre como as escolas muitas vezes produzem o fracasso escolar, as dificuldades de aprendizagem por parte dos alunos, e a afirmação de que as pessoas mais carentes são menos aptas, e as mais prejudicadas com o fenômeno da repetência e evasão escolar.

Sobre as causas da evasão escolar, BRASIL (2006):

Esta não é uma pergunta fácil de responder. O fracasso escolar é hoje objeto de estudos das áreas da Educação e da Psicologia. Suas causas apontam para uma diversidade e complexidade de fatores, ligados ao psiquismo do aluno: forma como ele interage com o ambiente escolar, modo como estabelece relações com o saber e com o aprender, seu relacionamento com os professores e com os colegas, suas relações familiares, os vínculos que constrói com o conhecimento, etc.; à estrutura da escola: as características, o modelo pedagógico adotado, o perfil dos professores, etc. a uma dimensão social ampla: políticas públicas de educação e a secular desigualdade econômica e social da sociedade brasileira (BRASIL, 2006, pp. 17-18).

Um dos motivos que fazem o aluno evadir, segundo BRASIL (2006), se dá pelo fato de pertencerem a uma classe social econômica de baixa aquisição financeira, onde muitos alunos desde cedo precisam abandonar a escola para trabalhar, ou acompanhar os pais nas atividades do campo, onde a maioria dos alunos muitas vezes não possuem escolas próximas, fazendo com que a distância seja outra causa determinante.

O que se vê claramente é que a evasão escolar pode ser causada por diversos fatores, e que cada vez mais essa problemática vai ganhando espaço na atualidade gerando discussões, também conhecida como fracasso escolar, aonde alguns autores chegam a afirmar “nesse

sentido, é preciso considerar que a evasão escolar é uma problemática, que se produz por uma série de determinantes” (Ceratti, 2008, p. 03). Para Guimarães; Santana e Silva (2015):

O problema da evasão escolar preocupa a escola e seus representantes, ao perceber alunos com pouca vontade de estudar, ou com importantes atrasos na sua aprendizagem. Nesse sentido é preciso considerar que a evasão escolar é uma situação problemática, que se produz por uma série de determinantes (GUIMARÃES; SANTANA E SILVA, 2015, p. 02).

Além desses fatores, existe ainda uma série de fatores como a necessidade de trabalhar desde cedo, devido às carências da família, gravidez precoce, ter que cuidar de maridos e filhos, sendo muitos os fatores externos ou internos ao ambiente escolar, levando a um único caminho muitas vezes que é a saída da escola, em muitos casos este abandono pode ser provisório ou de fora definitiva.

Quanto aos fatores referentes ao espaço escolar, Ceratti (2008) declara que embora os professores e os responsáveis pela escola tomem algumas medidas devido à preocupação referente à permanência de alunos, nem sempre surtem efeito positivo, para evitar a evasão escolar, a frequência e aprovação dos mesmos não garantem sua permanência naquela instituição. Partindo da hipótese que o fracasso escolar é gerado por diferentes fatores “a evasão escolar está intimamente ligada à qualidade da educação. E, educar de forma coerente, compromete mais que um indivíduo, e sim a todos. É precisa saber que todos têm participação no sucesso ou fracasso da escola. (PINTO, 2014, p. 16).

Pinto (2014) em seu trabalho aborda o fato da sociedade cobrar da escola, mas ao mesmo tempo não dá suporte necessário para que a mesma consiga desenvolver-se, alertando ainda para o fato de algumas vezes a família também ser uma das causas que contribui para a evasão do aluno, ao não promover a educação de seus filhos, ou seja, não favorecer a educação dos mesmos, sendo indiferente a sua formação educacional.

Em alguns trabalhos utilizados para embasar sua tese, alguns autores veem a evasão como fracasso escolar, aonde não apenas o aluno fracassou, mas a instituição escolar também como afirma Guimarães; Santana e Silva (2015, p. 02). Os mesmos autores ainda afirmam ser a evasão um problema para a educação de jovens e adultos:

Percebemos através de levantamento que e de consulta à mídia eletrônica que a evasão é de fato uma problemática forte dentro da Educação de Jovens e Adultos, não sendo concebível a um país que pretende crescer em pleno século XXI, possui índices alarmantes tanto de analfabetos funcionais e evasão da escola. (GUIMARÃES; SANTANA E SILVA, 2015, p. 03).

Ao relacionar o fracasso escolar como decorrência de fatores educacionais são descritos alguns aspectos como responsáveis pela queda de qualidade da EJA, segundo os autores:

Há outros fatores que também concorrem para a queda da qualidade do trabalho na EJA, como educadores desmotivados ou sem preparo, alunos cansado pela carga de trabalho, falta de livros ou com conteúdos duvidoso e sem qualidade, sucateamento da estrutura física, a desestruturação familiar, as políticas de governo, o desemprego e a desnutrição (GUIMARÃES; SANTANA E SILVA, 2015, p. 04).

Vemos que as causas da evasão, da desmotivação, da queda de rendimento dos alunos estão interligadas, e que há uma preocupação relacionada a este problema, que afeta a toda a comunidade escolar. Na concepção desses autores, o problema da EJA é antigo, a desigualdade vem desde a criação da mesma, de forma que só veio a crescer com o passar do tempo, afirmando que a maioria dos analfabetos seriam da faixa etária relacionada ao público da modalidade EJA.

Os mesmos defendem a importância da prática pedagógica, da necessidade de se pensar como trabalhar com esse público, de forma que as aulas sejam atraentes, para que o aluno perceba e se interesse. Quanto ao professor, desenvolver métodos que ajude e facilite a compreensão dos alunos na aprendizagem dos conteúdos aplicados, para que o mesmo não tenha a concepção ou pense que o objeto de estudo está distante de sua compreensão, fazendo com que desanime ou perca o interesse de aprender.

Para Ceratti (2008), segundo suas análises, alguns dos motivos em comum que fazem os alunos evadirem, foram citados nas pesquisas tanto por professores como por alunos, que foram entrevistados, respondendo a pesquisa sobre as causas da evasão. Embora muitos alunos digam que a escola é um caminho para o seu crescimento, um futuro melhor, verificou-se o contrário pelo alto nível de evasão.

A respeito da evasão e do trabalho educativo Ceratti (2008), cita a resposta de alguns professores quanto à preocupação em cumprir a função da escola, devido alguns estarem de acordo quando dizem que a escola tem o papel de transmitir tanto o conhecimento científico, quanto a ser colaboradora na formação social do cidadão, frente às desigualdades sociais:

Contudo, existe uma preocupação compartilhada com o cumprimento, apenas em parte, dessa função dadas as circunstâncias descritas por eles como: “têm muitas implicações no sistema educacional brasileiro com a desvalorização da educação”, “falta de conhecimentos e idealismo dos educadores”, “influências negativas da sociedade, sentidas na escola, com perda de valores, daqueles que praticadas por ela”, “a dificuldade de aprendizagem dos alunos”, e a “evasão escolar causada por fatores sociais e familiares que os distanciam da escola” (CERATTI, 2008, pp. 18-19).

Segundo esta autora, diversos fatores, impedem que a comunidade escolar coloque em prática as atividades que consideram essenciais para a formação do cidadão, causadas por problemas externos, mas repercutem na escola, uma vez que esta reflete tudo que acontece na sociedade.

Ceratti (2008) trata a questão da resistência de algumas escolas e seus responsáveis a aceitarem verdades constatadas por universitários e estudiosos da educação, o que ajudaria em suas práticas, causando um distanciamento entre os dois, que termina sendo um impasse e provoca a desvalorização da profissão.

Ainda em suas análises, a mesma autora, lembra-nos do fato da escola “está mais a serviço da conservação do poder instalado, reproduzindo as relações sociais vigentes, do que como fator de mudança” (CERATTI, 2008, p.19). A autora ainda afirma:

Ao enfrentar crises, as pessoas preferem fazer o que estão acostumadas, por insegurança daquilo que possa vir a acontecer, assim se explica também o motivo pelo qual os professores recusam a renovação didática, até porque na visão do autor, a escola não transforma a sociedade, contudo, “ela também pode ser fator de mudança”. (CERATTI, 2008, p.19).

Como vemos, a evasão é um problema que vem desde antigamente, e que a insegurança, faz com que muitos profissionais tenham medo de propor novas idéias, que talvez não bastassem, mas que poderiam ser um provocador de mudança.

Referente aos alunos da EJA¹⁴ precisam ser levadas em conta algumas questões devidas às especificidades que os diferenciam dos alunos do ensino regular, como o fato de não serem mais crianças ente outras, tendo que ter algumas adaptações para seu ensino:

Em primeiro lugar um aspecto cultural do aluno da EJA, é sua especificidade cultural, presente na situação de excluído da escola regular, em segundo é a adequação dos currículos e programas para uma clientela que a princípio não é a sua. (CERATTI, 2008, p.24).

É importante que seu ensino seja apropriado para suas condições, diferindo do ensino regular, lembrando que alguns adultos possuem algumas dificuldades no processo de aprendizagem. E quanto ao fato de já terem outras vivências:

Os adultos possuem mais experiência que os adolescentes e podem ter acumulado uma maior quantidade de conhecimentos. Talvez sejam menos rápidos, mas podem oferecer uma visão mais ampla, julgar melhor os prós e os contras de uma situação e ter boa dose de criatividade (BRASIL, 2006, p. 5).

¹⁴ Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional (BRASIL, 2006, p. 6).

Como foram afirmados, os alunos da EJA, já são pessoas¹⁵ com bagagens culturais riquíssimas e diversas, já possuem valores e crenças formadas, além de responsabilidades sociais e familiares. Todo conhecimento que esses alunos trazem para a sala de aula está ligado ao meio social em que estão inseridos. E além de fazer uso desses conhecimentos para desenvolver tarefas do dia a dia, o aplicam também no ambiente de aprendizagem, fato este que deve ser levado em consideração.

Quanto ao conhecimento adquiridos anteriores à escola, são citados dois tipos como essenciais em seu processo de aprendizagem, o saber sensível¹⁶ e o saber cotidiano¹⁷, os quais devem ser valorizados, pois se o professor souber aproveitar esse saber dos alunos junto com sua vontade de aprender, tornaria mais fácil o processo de aprendizagem.

É muito importante que o professor conheça seus alunos, seus desejos e anseios, uma vez que assim saberá como ajudá-los, como fazer com que sua estadia na escola, seja proveitosa e agradável. Ressalta-se ainda a importante tarefa do professor na vida escolar dos alunos do ensino de jovens e adultos, e que essa atitude pode influenciar tanto o sucesso como o insucesso do mesmo.

É o professor quem mais pode ajudar o aluno a desenvolver-se, pois está mais próximo do mesmo e assim pode conhecer melhor sua realidade, e adaptar suas práticas de acordo com os conhecimentos desses alunos de forma que facilite o seu aprendizado.

Às vezes nos perguntarmos por que o aluno retorna à escola¹⁸ depois de tanto tempo, podemos ver a resposta dos alunos entrevistados, que pela necessidade de poder se inserir em um mundo com maior instrução, além de suprir outras necessidades de cunho intelectual, segundo BRASIL (2006):

¹⁵ “Que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos”. (BRASIL, 2006, p. 5).

¹⁶ O *saber sensível* é um saber sustentado pelos cinco sentidos, um saber que todos nós possuímos, mas que valorizamos pouco na vida moderna. É aquele saber que é pouco estimulado numa sala de aula e que muitos professores e professoras atribuem sua exploração apenas às aulas de artes (BRASIL, 2006, p.05).

¹⁷ Por sua própria natureza, ele se configura como um saber reflexivo, pois é um saber da vida vivida, saber amadurecido, fruto da experiência, nascido de valores e princípios éticos, morais já formados, anteriormente, fora da escola. (BRASIL, 2006, p. 7).

¹⁸ Os jovens e adultos buscam na escola, sem dúvida, mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. Como cidadãos e trabalhadores que são, esses alunos querem se sentirem sujeitos ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente (BRASIL, 2006, p.11).

[...] os alunos buscam a escola para satisfazer necessidades particulares, para se integrar à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não pode participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita (BRASIL, 2006, p.11).

Mais do que isso, o autor ainda cita:

Os jovens e adultos buscam na escola, sem dúvida, mais do que conteúdos prontos para serem reproduzidos. Como cidadãos e trabalhadores que são, esses alunos querem se sentirem sujeitos ativos, participativos e crescer cultural, social e economicamente (BRASIL, 2006, P. 11).

Muitas vezes acontecia desses alunos necessitarem pedir para outras pessoas coisas simples como ler um jornal, pegar um ônibus, ou até ler um recado, coisas corriqueiras de seu dia a dia. Ou seja, coisas simples que essas pessoas poderiam fazer se ao menos fossem alfabetizadas, para alguns bastando ler, escrever, identificar dinheiro, ou pegar um ônibus sozinho sem a ajuda de alguém. Veem também na escola uma forma de crescer no meio social e cultural, onde o autor assegura que quando esses alunos evadem e retornam à escola, nem sempre é fácil como pensamos, tem muita coisa que o mesmo teve que superar para conseguir retornar. Como afirma Brasil (2006):

[...] em muitos casos, trata-se de uma decisão que envolve as famílias, os patrões, as condições de acesso e as distâncias entre casa e escola, as possibilidades de custear os estudos e, muitas vezes, trata-se de um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. Ir à escola, para um jovem ou adulto, é antes de tudo, um desafio, um projeto de vida. (BRASIL, 2006, p. 8)

É chamada a atenção pelo autor ao caso de alguns desses adultos possuírem certa resistência quando voltam, pois, às vezes a escola não é mais como eles tinham em mente, pois a aprendizagem dos dias atuais difere de seu tempo quanto estudante, especialmente para os mais velhos. Sendo importante fazer uma adaptação entre o que o aluno espera com o que encontra na escola, para evitar uma resistência que muitas vezes resulta em novo abandono:

Grande parte dos alunos jovens e adultos, que buscam a escola, esperam dela um espaço que atenda às suas necessidades como pessoas e não apenas como alunos que ignoram o conhecimento escolar. Por outro lado, todos eles acreditam que a escola possa imprimir-lhes uma marca importante e por isso apostam nela. (BRASIL, 2006, p. 9).

Quando o aluno procura escola é porque ainda a considera como um caminho para melhorar de vida, e para que esses alunos se mantenha na sala de aula, é importante que se crie condições para que permaneçam no banco escolar. Sobre isso BRASIL (2006):

Nesse sentido, além do aumento da oferta de vagas, é preciso considerar as condições de permanência do(a) aluno(a) jovem e adulto na escola, bem como aquelas que lhe permitam concluir a escolarização. Grande parte dos alunos jovens e adultos, que buscam a escola, esperam dela um espaço que atenda às suas necessidades como pessoas e não apenas como alunos que ignoram o conhecimento escolar. Por outro lado, todos eles acreditam que a escola possa imprimir-lhes uma marca importante e por isso apostam nela. (BRASIL, 2006, p. 09).

Quando a escola recebe o aluno da EJA, que vem cheio de expectativas, e quando chegam à sala de aula se deparam, com uma forma nova de ensino é preciso que esta como estabelecimento de ensino contribua para que o mesmo se adapte à nova realidade, conforme BRASIL (2006):

Este cenário poderá ser transformado na medida em que a escola investir no acolhimento desse(a) aluno(a), que é alguém especialmente receptivo à aprendizagem, repleto de curiosidade e que vai para a sala de aula desejoso de novas experiências. Da parte do(a) aluno(a), como bem pudemos ver no depoimento de Neusa, ele(a) também precisa ajustar suas expectativas à realidade que encontra quando volta para a escola, um desafio que, por vezes, mostra-se custoso demais, incorrendo, em muitos casos, no abandono, em nova desistência (Brasil, 2006, p.09).

O que gera resistência por parte de alunos, principalmente os mais velhos, são as novas práticas de ensino, e não as tradicionais que conheciam, onde apenas o professor era o possuidor do conhecimento, juntamente com a falta de atividades que recebiam em grande quantidade, acreditando assim que aprenderiam mais rápido.

Pinto (2014) defende que a educação deve ser um compromisso social com todos, mas são apenas as classes mais altas que tem tido esse privilégio, sendo que esse acordo deveria abranger a todos sem excluir a maioria das pessoas como vem acontecendo, deixando-as fora da busca por conhecimento.

Para Pinto (2014) além de existir professores que não buscam se aperfeiçoar, melhorando sua prática no ensino de seus alunos, onde avaliam muitas vezes desnecessário perder tempo com alunos que atrasam, considerando que os mesmos não conseguiriam superar suas dificuldades com relação à sua aprendizagem. Tem a escola que resiste a uma adaptação real da situação em que vivemos, com certa resistência a aceitar os diversos grupos que convive na escola e assim aprender a conviver com a variedade cultural existente.

O mesmo autor chama a atenção ainda para o fato da escola quanto à (in) disciplina escolar, onde alguns alunos são discriminados por serem considerados indisciplinados, quando não se adequam as normas da escola, resultando no abandono escolar. Propõe que a educação de modo geral se reformule de forma que o que importa não seja apenas o aspecto quantitativo, mas também o qualitativo, principalmente na hora de se adquirir conhecimento,

pois, segundo o mesmo “sabe-se que a educação é uma atividade criadora, que visa conduzir o ser humano a exercer suas potencialidades” (PINTO, 2014, p. 20).

É bastante comentado o fato de o aluno ser muitas vezes culpado por um fracasso que sabemos não ser exclusividade sua, pois como o mesmo evade da escola fica evidente apenas o insucesso do mesmo. Isso nos mostra que a escola não pode isentar-se de uma culpa que também pode ser sua, pois quando o aluno evade, a escola também fracassa.

Perrenoud (1999) cita que alguns autores hoje divididos, questionam se o fracasso escolar é fracasso do professor ou do aluno, e para uma reforma educacional ser bem-sucedida, ela deve beneficiar o aluno evadido. E vai além, dizendo que enquanto algumas reformas escolares servem para seduzir alguns professores, outros veem uma possibilidade de aumentar a democratização do ensino. O autor fala da necessidade de se criar formas novas de se avaliar, onde defende que o aluno seja avaliado de forma global em relação aos outros e não por meios comparativos.

“A escola seleciona e fabrica fracasso, com frequência, de maneira a esconder seu próprio fracasso” (PERRENOUD, 1999, p. 79), ao findar o ano letivo a história se repete:

A cada fim de ano letivo, seria necessário que fossem tomadas medidas específicas, intensivas e originais para parte dos alunos. O que é feito? Os mais fracos repetem de ano, como se isso fosse uma solução. Os outros são aprovados para a série seguinte, como se isso fosse garantia de sólidos aprendizados (PERRENOUD, 1999, p.79).

Ao abordar essa prática na escola, o autor ainda acrescenta que na escola cada um vai fazendo o que supostamente tem a fazer, mesmo ciente que essa prática não é segura comparando-a como construir sobre a areia, e afirma que até o momento não se ofereceram meios que se adequem à realidade do aluno.

Perrenoud (1999) propõe um ensino diferenciado para os alunos, levando em consideração as diferenças sociais, já que alunos mais favorecidos tendem a se sobressair em situações em relação a alunos menos favorecidos, reproduzindo desigualdades. E para os professores, mudança em sua formação, já que muitas vezes os mesmos só reproduzem aquilo que aprenderam, não sabendo agir de outra forma.

Ao focar um pouco mais na questão da escola, os autores chamam a atenção para fatores que ocorrem muitas vezes por haver discriminação por parte de alguns desses profissionais, que são os que mais podem fazer a diferença dentro da escola, podendo contribuir ou ajudar diretamente para que o aluno abandone a escola.

2.3 A NECESSIDADE DE MUDANÇA NA ESCOLA

É importante para que haja mudança na escola e na mentalidade de seus professores, que se criem condições necessárias para que possam mudar aquilo que está ao seu alcance, uma vez que também não podemos culpá-los de todo ao sucesso e insucesso de alunos, já que a escola também sofre as influências da sociedade na qual está inserida, e muitas vezes prevalece a falta de apoio por parte da comunidade e do governo que na maioria das vezes não oferece condições favoráveis para que desenvolvam um bom trabalho nas escolas.

Para Ceratti (2008), no que se refere à equipe pedagógica:

A ação didática coletiva é capaz de reverter em parte, o quadro da evasão escolar, ao refletir sobre as formas adequadas de se trabalhar na EJA, principalmente quanto ao perfil dos alunos, os objetivos e a função da escola. É necessário compreender que um ensino de qualidade não se faz só no trabalho de cada professor de forma isolada, mas no planejamento conjunto da escola. (CERATTI, 2008, p.21).

Para a autora é importante trabalhar em conjunto, ver o ponto de vista de cada um, e ao mesmo tempo mostrar que professores trabalham de forma coerente no ato de educar. Ainda sobre pesquisas que analisam as causas do fracasso escolar feitas por Ceratti (2008), concluiu-se que ele é causado pela interação de fatores: psicológicos, socioculturais, institucionais, políticos e econômicos.

“Existem pesquisas de mestrado e de doutorado que relatam experiências de formação de educadores e experiências com práticas educativas com pessoas jovens e adultas” (SOUZA, 2011, p.189). A autora enfatiza que a formação e a prática educativa por parte dos educadores vêm recebendo maior atenção nos últimos anos, especialmente os que atuam na EJA, ganhando maior notoriedade.

O professor e a escola embora tenham participação no que diz respeito ao sucesso e insucesso do aluno, necessitamos lembrar que os mesmos também são vítimas de um sistema que não favorece a educação e as condições para que a mesma aconteça de forma satisfatória. Entendemos que esses profissionais precisam de apoio, para que possam sentir-se seguros e capazes de fazer acontecer as mudanças necessárias para combater a evasão ou criar formas de trabalho que favoreçam a aprendizagem dos alunos sempre, pois ainda existem profissionais que lutam para melhorar sua prática, mas as vezes não recebem apoio nem da comunidade, nem do governo.

Para enfrentar o problema da evasão, Ceratti (2008) sugere:

Centrar o foco no aluno significa trabalhar com esse aluno real, encontrar uma maneira de levá-lo a exercer seu livre arbítrio e, com determinados limites sociais,

culturais e econômicos, escolher seu lugar, saber se posicionar em sociedade, fazer escolhas políticas. (CERATTI, 2008, p.20).

Para que isso aconteça, a escola precisaria de autonomia como defende Ceratti (2008), mas isso ainda está em construção, e que essa autonomia não foi entendida como deveria. A autora também defende que apenas a escola poderia mudar o processo de ensino aprendizagem, para que este aconteça de fato, aonde os professores teriam papel fundamental nesse processo.

Entre os pontos abordados neste tópico, está a insuficiência de pesquisas sobre a evasão, além da péssima qualidade que são desenvolvidas, e juntamente à falta de interesse referente a mesma, o fracasso escolar se dar em maior grau nas séries do ensino fundamental e principalmente por pessoas de classes populares mais carentes, e o tratamento desigual que recebem nas escolas.

Entendemos que os estudantes que frequentam o pré-escolar, evadem menos, e a escola ao invés de beneficiar esse aluno, muitas vezes vai contra ele.

Vimos sobre a discriminação do aluno da EJA, sendo eles repetentes ou evadidos. O despreparo dos professores, a má formação e a necessidade de se aperfeiçoarem cada vez mais, e juntamente com a sua rotatividade que gera prejuízos aos alunos, além das péssimas condições de trabalho de grande maioria desses professores, gerando desmotivação dos mesmos, o que termina prejudicando os alunos.

Tratou sobre o posicionamento do aluno da EJA, que o leva a considerar o ensino escolar como um dos caminhos para melhorar de vida, gerando contraste, quando comparado ao grande índice de evasão pelos alunos. Foram abordados ainda nesta seção o medo da mudança por parte de profissionais da educação e das pessoas em modo geral frente ao novo, a superação dessas dificuldades que poderia ser a solução de alguns problemas, juntamente com uma maior autonomia das escolas.

Também debateu da necessidade de se trabalhar em conjunto tanto a escola como a comunidade, visando à melhoria do ensino da EJA, outro ponto que o autor laborou foi a diferença entre o aluno do ensino regular e os alunos da EJA, que devem ser levadas em consideração, tais como a sua bagagem cultural. Trabalhando com os mesmos a partir de sua realidade como forma de facilitar seu aprendizado, além do professor conhecer a realidade do seu aluno.

E mais, o fato de o professor contribuir diretamente para o sucesso ou fracasso do aluno. A resistência e a dificuldade que alguns desses alunos encontram quando retornam para a escola. A necessidade de se mudar a forma de avaliar o aluno, assim como as práticas escolares, e a criação de novos modelos de ensino que leve em conta a realidade do aluno, assim como a criação de condições favoráveis para que o professor e a escola trabalhem de forma adequada com esse aluno.

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido através da abordagem qualitativa por ser uma das mais utilizadas na atualidade, e por ser a mais apropriada para o tipo de pesquisa que desenvolvi, pois ofereceu o melhor suporte para a obtenção de dados que utilizei. Sendo que nessa abordagem, algumas coisas só foram definidas no decorrer da pesquisa, durante o seu processo de construção.

Dentro da abordagem qualitativa, foram feitas duas pesquisas: uma pesquisa de campo “Na pesquisa de campo, o objetivo/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio” (SEVERINO, 2007, p. 123) no qual tive acesso direto com o objeto de meu estudo em seu ambiente próprio, para que a coleta de dados ocorresse em ambiente natural trabalhando assim com os sujeitos envolvidos na pesquisa, estando em consonância com o que defende o autor.

A outra pesquisa empregada foi a pesquisa bibliográfica, onde a partir dos estudos e trabalhos já elaborados por outros autores, pude verificar algumas considerações e análises já disponíveis pelos mesmos sobre o problema da evasão, como artigos científicos, monografias e livros relacionados ao tema pesquisado durante este trabalho, aonde Severino (2007) certifica:

Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Entre os métodos, também houve a necessidade de usar a pesquisa documental, para fazer a análise dos dados, que estavam na escola, e assim colher informações dos sujeitos da pesquisa. E a partir destas, foi desenvolvida as técnicas de pesquisa¹⁹, tendo como ferramenta a utilização de entrevista semiestruturada com o uso de questionários, que conforme o autor significa “Conjuntos de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vista a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo” (SEVERINO, 2007, p.125), contendo perguntas abertas e fechadas.

¹⁹ As técnicas são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. (SEVERINO, 2007, p. 124).

Quanto à tipologia de pesquisa foi empregada a etnográfica²⁰ e a documental²¹ no meu local de pesquisa que foi a E.M.E.F. Prof. Fátima Maria Fernandes Gadelha, localizada na Folha 29 Bairro Nova Marabá, nesta cidade de Marabá- Pará, com a diretora, duas professoras e quatro alunos evadidos, que foi possível localizar onde colhi as informações que foram necessárias para a análise de dados e para o desenvolvimento deste trabalho.

Somente no início da pesquisa de campo verificou-se a impossibilidade de desenvolver o trabalho na escola selecionada inicialmente, já que os alunos da EJA haviam sido remanejados para outra escola. Diante desse obstáculo, houve a necessidade de mudar a pesquisa de local em busca desses alunos, indo até a escola para a qual tinham sido remanejados. Na presente escola também desenvolvi a disciplina Estágio Docente na EJA, e durante o desenvolvimento da pesquisa foram encontrados alguns obstáculos já descritos anteriormente, mas ao serem resolvidos pôde-se dar continuidade a este trabalho.

Devido à falta de disponibilidade de tempo por parte da direção da escola e professores, por estarem com excesso de trabalho no momento, só foi possível fazer a entrevista semiestruturada tanto com as professoras da 1ª e 2ª etapas, como a diretora e os alunos que consegui encontrar durante a pesquisa de campo, alunos que tive que ir nos endereços de cada um.

Primeiro foi feita uma coleta de dados onde continham as informações dos discentes, material necessário para a identificação dos mesmos, para assim poder entrevistar os sujeitos dessa pesquisa, sendo eles alunos evadidos, diretor e professores que trabalhavam na escola durante o ano de 2016 que estava sendo pesquisado, foi preciso ir até a escola, para fazer a aplicação das entrevistas com o corpo docente e direção.

Vale ressaltar que as professoras das outras séries desse período de 2016, ano da pesquisa não foram encontradas, pois já não trabalhavam mais na escola, e devido à falta de contato com as mesmas, fui impossibilitada de entrevistá-las, assim como a maioria dos alunos, pois muitos haviam mudado de escola, de endereço, e até de números telefônicos, o que impossibilitou de se chegar até seus endereços atuais, e assim entrevistá-los. Por esse motivo a pesquisa desenvolveu-se apenas com uma parcela de alunos evadidos, mas podendo representar de forma geral os demais colegas evadidos no ano da pesquisa.

²⁰ A pesquisa etnográfica visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no seu microssocial, olhando com uma lente de aumento.

²¹ A pesquisa documental é trabalhada com bases em documentos que não receberam tratamento de análise e síntese. Embora se identifique com a pesquisa bibliográfica, está só se realiza sobre documentos analisados e pertencentes a autores que deram o estudo pronto e acabado (SANTOS, 2016, p. 184).

4. ANÁLISE DOS DADOS

A escola que serviu de base para o desenvolvimento dessa pesquisa foi a E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, construída no ano de 1995 pelo governo Federal, devido à necessidade por parte da comunidade local, estando localizada no núcleo Nova Marabá. A escola oferta dois tipos de ensino: o ensino Fundamental do 1º até o 5º ano, que funciona durante o dia, e a modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos- EJA que funciona no período noturno há mais de quatro anos, com turmas de 1ª a 4ª etapas. A mesma recebe alunos do bairro em que está localizada e bairros de seus arredores. Esses alunos da EJA estudavam em outra escola e vieram remanejados para a mesma no ano de 2016 (ano da seguinte pesquisa), devido à sua localização, por estar mais ao centro, podendo receber alunos de mais bairros vizinhos, diminuindo assim a distância para alguns alunos que moravam em lugares um pouco mais distantes.

Os horários das aulas do ensino na EJA acontecem das 19h15minh às 22h00minh, (devido a um assalto que ocorreu nesse ano de 2016, em uma medida preventiva os alunos são liberados até às 21h:30mim, devido à falta de segurança), as disciplinas ofertadas eram: português, matemática, ciências, história, geografia e artes para a as turmas de 1ª e 2ª etapas, e para as turmas de 3ª e 4ª acrescentava a disciplina de inglês. A escola se encontra em bom estado de conservação, segundo a diretora, gostaria de melhorar muita coisa, mas sempre que quebra algo, fazem o que podem para tentar consertar. No intuito de preservar as identidades dos participantes dessa pesquisa, foram utilizados termos fictícios para se referir a cada um deles.

As turmas de 1ª e 2ª etapas, possuíam apenas um professor para todas as disciplinas e a rotina da aula era criada por elas, enquanto as turmas de 3ª e 4ª já tinha um professor para cada disciplina e a rotina acontecia de acordo com a aula. Quanto à estrutura da escola e seu espaço físico, possui as seguintes seções: 01 sala administrativa, 07 salas de aula, 02 banheiros sendo masculino/feminino, 01 cozinha, 01 sala de informática, 01 pátio e uma sala de esporte, com iluminação, limpeza, ventilação, e merenda escolar de boa qualidade para os seus alunos (segundo a direção). A diretora L²² afirmou está em boas condições, mas que existem coisas que poderiam ser melhoradas, A escola recebe financiamentos do órgão público municipal e do Ministério da Educação/esfera Federal, denominado Programa Dinheiro Direto na Escola- PDDE.

²² Diretora da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha.

Durante a pesquisa de campo, foram verificados diferentes motivos que levaram esses alunos a evadir da escola, e que serão analisados com o que afirmam os autores utilizados no referencial teórico para embasar este trabalho, comparando teoria e prática, sobre o que leva alunos a evadirem, fazendo uma análise crítica, para saber se os mesmos corroboram através de suas análises com os motivos apresentados pelos alunos evadidos sujeitos dessa pesquisa.

Será feito também, uma descrição da trajetória para a obtenção de dados da pesquisa, o percurso feito por esses alunos através de mapas até chegar à escola com a finalidade de mostrar a sua realidade, quais eram as suas expectativas, suas dificuldades e os fatores determinantes para a evasão escolar, e só assim entendermos como esta continua sendo um problema pertinente até os dias atuais, e que tem afetado grande parte de jovens e adultos que são privados do ensino escolar que a constituição Federal diz que todos têm direito mas que não estão sendo garantidos como deveria, ou a dificuldade desses alunos de permanecerem na escola.

De acordo com as informações obtidas durante a pesquisa de campo através da entrevista com a diretora L, estando na direção da escola desde o ano de 2014, até a presente data, tanto do ensino Regular como da EJA, na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, no período de 2016, ano da referida pesquisa, a presente escola possuía um total de 132 alunos matriculados nas séries da EJA no início do ano letivo, distribuídos da seguinte maneira:

Quadro 1. Quantidade de alunos matriculados no início do ano letivo de 2016 na EJA na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha

Séries:	Alunos Matriculados
1ª etapa	30
2ª etapa	28
3ª etapa	37
4ª etapa	37
Total de alunos matriculados	132

Fonte: Dados da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha 2016.

Dos 132 alunos matriculados no início do ano letivo em 2016, no final do período letivo 42 alunos haviam evadido, sendo que essa evasão se deu em todas as turmas de 1ª a 4ª etapas, divididos da seguinte forma:

Quadro 2. Quantidade de alunos evadidos no final do período letivo no ano de 2016 na EJA da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha

Séries:	Quantidade de Alunos
1ª etapa	08
2ª etapa	12
3ª etapa	13
4ª etapa	09
Total de alunos evadidos	42

Fonte: Dados da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha 2016.

Referente a quantidades de turmas da 1ª a 4ª etapas que a E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha possuía no ano de 2016 no ensino da EJA, foi informado as seguintes quantidades:

Quadro 3. Quantidade de turmas das séries de 1ª a 4ª etapas existentes no de 2016 na EJA na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha

Séries:	Quantidade de Turmas
1ª etapa	01
2ª etapa	01
3ª etapa	01
4ª etapa	01
Total de turmas	04

Fonte: Dados da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha 2016.

Comparado ao ano anterior que corresponde a essa pesquisa, constatou-se o aumento quanto ao número de turmas da EJA na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha em duas séries das seguintes etapas:

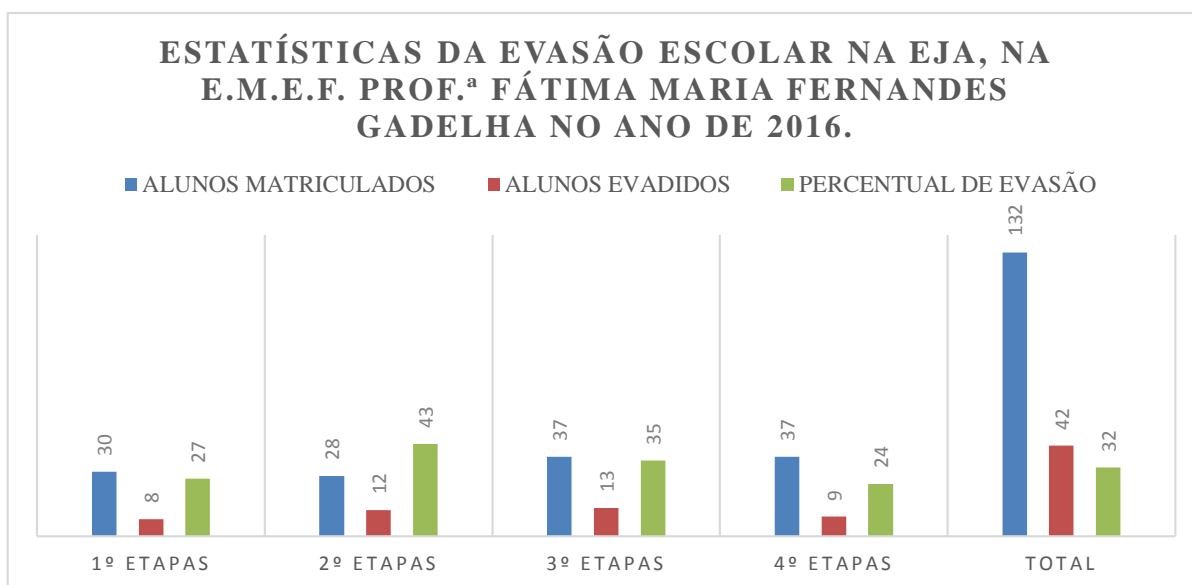
Quadro 4. Quantidade de turmas das séries de 1ª a 4ª etapas existentes no de 2017 na EJA na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha

Séries:	Quantidade de Turmas
1ª etapa	01
2ª etapa	01
3ª etapa	03
4ª etapa	02
Total de turmas	07

Fonte: Dados da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha 2016.

Depois de tabular os dados, referente ao número de alunos evadidos, obtivemos as seguintes porcentagens de evasão em cada etapa:

Gráfico 1- Porcentagem de evasão nas turmas de 1ª à 4ª etapas na EJA, na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha no período de 2016.



TURMAS	ALUNOS MATRICULADOS	ALUNOS EVADIDOS	PERCENTUAL DE EVASÃO
1º Etapas	30	8	27
2º Etapas	28	12	43
3º Etapas	37	13	35
4º Etapas	37	9	24
TOTAL	132	42	32

Fonte: Dados da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha 2016.

Alguns desses alunos evadidos assim como um certo número de professores que deram aula para os mesmos e a diretora da escola que ainda permanece trabalhando até os dias atuais, foram entrevistados sobre as causas da evasão escolar na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha no ano de 2016, permitindo a obtenção de dados para responder à problemática da presente pesquisa.

No que se refere à formação profissional dos professores da EJA na E.M.E.F Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha no ano de 2016, segundo a diretora a maioria possuía especialização em sua área, e quanto ao número de profissionais que atuava na EJA nesse período a mesma afirmou que eram 09 no total. Questionada sobre a escola atender aos parâmetros curriculares do 1º e 2º segmentos da EJA, a diretora também afirmou que a escola atendia os alunos de acordo com as propostas curriculares desta modalidade de ensino.

4.1 CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NA EJA NA E.M.E.F. PROF.^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA

Para identificar quais as principais causas da Evasão Escolar na EJA, foram entrevistados, diretora, professores e alunos da escola E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, na tentativa de responder essa problemática existente na mesma, no período de 2016.

Quando questionados sobre os principais fatores que fizeram os alunos da EJA evadirem, causando o fracasso escolar no ano de 2016 na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, foram citados existirem fatores com dimensões econômicas, familiares, sociais e outros. Tanto pela diretora, como pelas professoras e alunos. A diretora L afirmou os seguintes motivos sendo eles de ordem:

(A). Econômicas. A rotina de trabalho porque muitas vezes eles trabalham o dia todo. Então não deixa de ser uma questão financeira. Pois tiveram uns três casos que os alunos evadiram porque arrumou trabalho a noite. **(B). Familiares.** Familiares também, Porque muitas vezes se deparam com alunas que engravidam e aí para de estudar para cuidar do bebê, aí tem muitas que tentam retornar a estudar, mas não conseguem conciliar por causa dos filhos. **(C). Sociais. (D). Escolares. (E). Outras. Se sim, quais?** A violência noturna, pois têm muitas mães de família, aí às vezes se depara com ela, não aqui na escola, mas já teve um assalto aqui ano passado e também na rua às vezes quando estão indo para casa. (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 11/20/2017).

Para a professora P²³, o que motivou esses alunos evadirem, acrescentando à insegurança existente na escola e em seus arredores, houve nesse período algumas greves que segundo a professora P foram muitas (mas necessárias para a categoria), como afirma:

A maioria por motivo de trabalho (uns foram embora devido ao desemprego, outros os horários de trabalho não coincidiam, outros foram morar em outros núcleo s devido ao trabalho), outros (mais mulheres) por insegurança no trajeto de casa-escola. Houve ainda os períodos de greve, que foram muito ano passado. (Entrevista concedida à autora Torres em: 29/10/2017).

Já na opinião da professora S²⁴, os motivos que levaram esses alunos evadirem da escola foi “Questões sociais, trabalho, insegurança, violência, responsabilidades com a família, ritmo menor de aprendizagem”.

No que se refere aos motivos que levam os alunos evadirem, os alunos entrevistados também citaram fatores relacionados com os que já foram descritos pelos profissionais da

²³ Professora da 2ª etapa na EJA na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha.

²⁴ Professora da 1ª etapa na EJA na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha.

escola. O aluno A²⁵ apontou questões econômicas e familiares além do cansaço do trabalho e da violência. A aluna B²⁶ além de fatores econômicos e sociais, colocou a distância da escola para a sua casa como um dos motivos, por ser bem distante, somando a isso o perigo de ir sozinha. Para o aluno C²⁷ juntamente com questões econômicas, havia o fato de trabalhar como o mesmo ressalta: “O trabalho, por causa dele eu faltava muito, trabalhava de vigilante. E o homem às vezes sempre trabalha mais que a mulher, hoje é mais fácil para ela trabalhar, tinha que sustentar a família e fica mais difícil. Corria risco indo a noite com ela de moto”.

A aluna D²⁸ além de questões familiares citou “A minha gravidez que é de risco e eu não aguentava andar muito e adoeci, minhas veias da perna começaram a estourar, já me sinto peso, também tenho um filho especial”, acrescenta ainda o fato da escola ficar muito longe de sua casa.

Pudemos constatar que a diretora, professores e alunos, apontaram causas relacionadas a fatores, sociais, econômicos ou familiares, assim como a questão da insegurança, devido à falta de políticas públicas. Como vimos a maioria dos alunos evadidos tem o perfil do aluno da EJA, que além de estudar tinham que trabalhar, por serem das classes mais pobres, estando mais vulneráveis à evasão e se os mesmos evadiram da escola, não foi por vontade próprias e sim por necessidade ou dificuldades enfrentadas no decorrer do período letivo. Ao serem indagados se os mesmos tinham se arrependido de terem deixado a escola, a resposta foi sim. Corroborando com o que dizem os autores, que afirmam que o aluno quer continuar na escola, mas muitas vezes não consegue, e a responsabilidade nem sempre é sua. São fatores que geram o fracasso e fazem com que esses alunos evadam, desistindo, por falta de condições de permanecer na escola e continuar com seus estudos.

Em outra pergunta mais direcionada aos alunos sobre quem foram os responsáveis por eles terem evadido da escola, apenas um atribuiu responsabilidade à escola entre os motivadores de sua saída, dois a questões familiares e econômicas, sendo também para um deles o fato de residir muito longe da escola, e por ser muito perigoso o trajeto para percorrer com sua esposa que também ia com ele a noite, e uma por motivo de doença possuindo gravidez de risco, questões familiares e a distância.

Entre as principais causas da evasão escolar, destacaram-se os fatores: sociais, econômicos e familiares. Constatou-se também que esses alunos fazem parte de um grupo de

²⁵ 1º aluno evadido a ser entrevistado, 37 anos, 2ª série, chegou a se emocionar ao dar sua entrevista. Pois a família era muito carente, e desde cedo teve que abandonar a escola para ajudar em casa.

²⁶ 2ª aluna evadida a ser entrevistada, 33 anos, 1ª série.

²⁷ 3º aluno evadido a ser entrevistado, 56 anos, 2ª série.

²⁸ 4ª aluna evadida a ser entrevistada, 33 anos, 2ª série.

pessoas de classe social muito baixa, onde a desigualdade afeta diretamente a permanência dos mesmos na escola, pois todos os motivos que levaram os mesmos a evadirem, partem do pressuposto de que por serem de um grupo socialmente econômico muito baixo, acarretou todos os outros.

Ao analisar as causas que levaram os alunos evadirem, os motivos citados pelos sujeitos entrevistados, corroboraram com o que autores como Brasil (2006), Ceratti (2008) defendem em seus trabalhos como alguns dos motivadores que fazem os alunos abandonarem a sala de aula. Uns tiveram que abandonar a escola por que tinham que trabalhar e sustentar a família, e outros devido ao cansaço e ao trabalho, muitas vezes terminavam faltando ou chegando atrasados por não conseguirem conciliar escola e trabalho, muitas vezes prejudicando o rendimento escolar, outros tiveram que mudar de endereço devido ao desemprego, ou por ter arrumado um trabalho em outros núcleos, um outro fator determinante para essa desistência seria a distância significativa, entre as suas residências e a escola, sendo um trajeto perigoso pela falta de segurança, principalmente para mulheres.

O público da EJA é composto por trabalhadores, pessoas carentes que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos na idade devida, e que mesmo com esses programas do governo para reparar esse problema, ainda assim encontram dificuldades para manterem-se na escola, pois são muitas as barreiras encontradas no dia a dia, não sendo uma tarefa fácil.

São pessoas com um passado marcado por dificuldades, o que leva BARSIL (2006) afirmar que na maioria das vezes os pais desses alunos também tiveram pouca escolaridade. Essas pessoas levam marcas da exclusão social, além de baixa autoestima:

Uma característica frequente do(a) aluno(a) é sua baixa auto-estima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem (BRASIL, 2006, p.16).

Sobre as causas do fracasso o autor ainda acrescenta:

O que se sabe, ao certo, é que o fracasso escolar tece uma espécie de teia, onde o(a) aluno(a) se enreda e custa a sair. Na maioria dos casos, a teia torna-se tão emaranhada que não oferece saída e o desfecho dessa situação, tão comum na realidade brasileira, é o abandono da escola. Mais tarde, quando retornam aos bancos escolares, os jovens e adultos ficam extremamente suscetíveis a enredarem-se novamente, a vivenciarem outro fracasso escolar (BRASIL, 2006, p. 17).

Outro fator determinante para a evasão citado pelos alunos e corroborados aqui por BRASIL (2006), é o fator trabalho, assim como a maioria dos alunos que estudam na EJA são trabalhadores que precisam sustentar suas famílias, o autor assegura:

As alunas e alunos da EJA, em sua maioria, são trabalhadores e, muitas vezes, a experiência com o trabalho começou em suas vidas muito cedo. Nas cidades, seus pais saíam para trabalhar e muitos deles já eram responsáveis, ainda crianças, pelo cuidado da casa e dos irmãos mais novos. Outras vezes, acompanhavam seus pais ao trabalho, realizando pequenas tarefas para auxiliá-los (BRASIL, 2006, p.19).

Até os dias atuais, algumas situações se repetem, como constatamos nas respostas de alunos, muitos deles tinham que cuidar dos irmãos, ou tinham que trabalhar desde muito cedo, na roça ou em outro emprego para ajudar em casa. Situação que ainda podemos acrescentar o fato das escolas muitas vezes estarem situadas em lugares distantes, que dificultava a escolarização dos mesmos, como vimos essas seriam causas para alguns desses alunos evadirem.

4.2. PERFIL E TRAJETO DOS ALUNOS DA EJA

O perfil dos alunos da EJA nessa escola está de acordo com os autores utilizados quanto à descrição do público dessa modalidade de ensino, os mesmos possuíam entre 15 a 51 anos de idade, sendo pessoas de baixa renda, que vem de famílias carentes, em que a maioria não conseguiu concluir o ensino regular na idade certa, ou tiveram que abandonar a escola por falta de condições financeiras, trabalho, ou questões familiares.

A professora S acrescenta que em sua turma a maioria dos alunos já eram pais, mães, tios e tias, pessoas que já possuíam algumas responsabilidades. Corroborando com a discussão sobre o perfil dos alunos entrevistados na escola pesquisada. BRASIL (2006), faz uma descrição desse público:

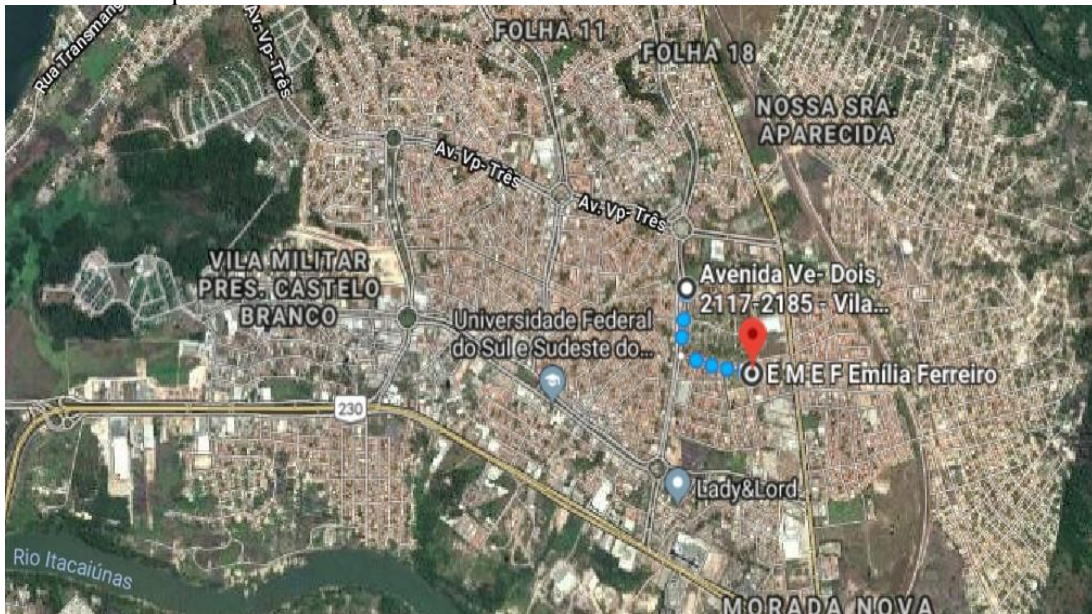
Os homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos (quando os têm) (BRASIL, 2006, p.15).

Mais uma vez é reafirmada a condição social desses alunos, que possuem apenas o básico para sua sobrevivência, restando pouca condição para investir em seus estudos, sendo pessoas muito carentes, que necessitam de ajuda e apoio, se quiserem continuar na escola.

Quanto ao trajeto percorrido por cada um desses alunos de sua residência até a escola, foi feito uma representação através de imagens de mapas adquiridos por satélite para

podemos identificar a deslocação de cada um, e relacionar com as respostas dos mesmos, quanto ao fato de alguns citarem a insegurança, distância, e a violência que ocorria durante essa caminhada até a escola, no período da noite. Aluno A:

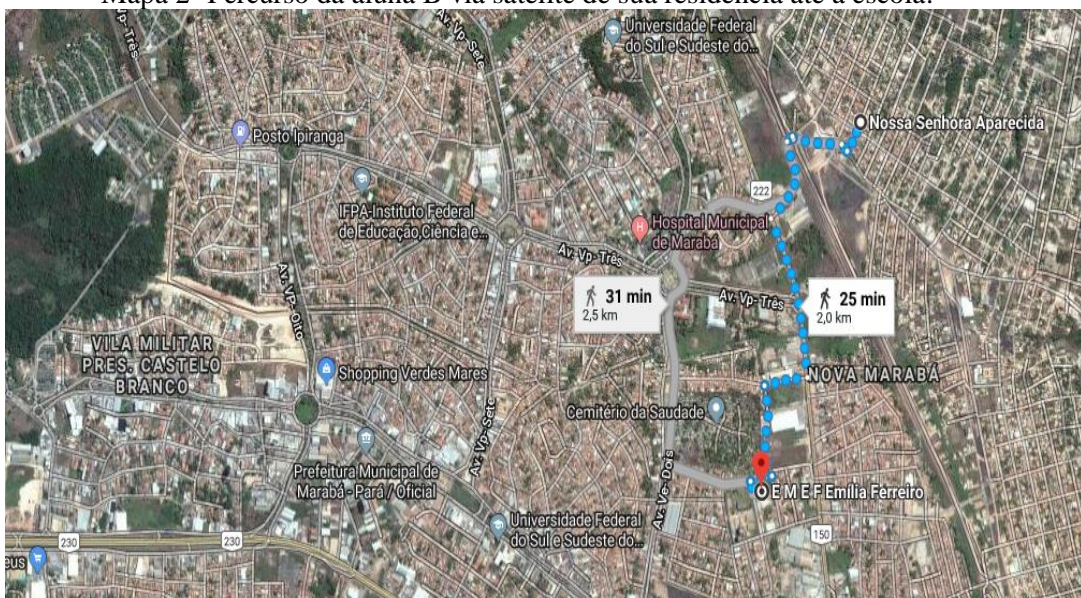
Mapa 1- Percurso do aluno A via satélite de sua residência até a escola:



Fonte: Imagens ©2018 CNES / Airbus,DigitalGlobe,Dados do mapa ©2018 Google

Para o aluno A, a sua maior dificuldade era a necessidade de trabalhar enquanto estudava, tendo que sustentar a família desde cedo, abandonou a escola mais de uma vez, e nesse caso, a distância não influenciava tanto.

Mapa 2- Percurso da aluna B via satélite de sua residência até a escola:



Fonte: Imagens ©2018 CNES / Airbus,DigitalGlobe,Dados do mapa ©2018 Google

A aluna B avaliou como muito distante e perigoso o caminho de sua casa até a escola, como podemos perceber através da imagem, principalmente para ir sozinha, pois quando não tinha alguém para ir junto, a mesma faltava aula. E quando ficou sem a companhia de sua irmã que era quem a acompanhava, não teve mais condições de continuar os estudos, devido à falta de condições e segurança, e de transporte que pudesse levar esses alunos que moram mais distantes, sendo o seu caso.

Ainda mencionou que durante o ano de 2017, pensou em retomar os estudos, mas ficou com medo de sua irmã desistir e ela ter que desistir novamente, e também que havia rumores de que teria uma turma da EJA perto de sua casa, e caso fosse verdade, faria mais uma tentativa.

Mapa 3- Percurso do aluno C via satélite de sua residência até a escola:



Fonte: Imagens ©2018 CNES / Airbus, DigitalGlobe, Dados do mapa ©2018 Google

Em relação ao seu trajeto de sua residência até a escola, o aluno C citou tanto o risco que o mesmo corria indo de moto à noite com sua esposa, como a insegurança e a violência a que estavam expostos, pois assim como a aluna B, tinha que atravessar a BR, e ainda percorrer um trecho com pouco movimento e sem iluminação, propício para assaltos.

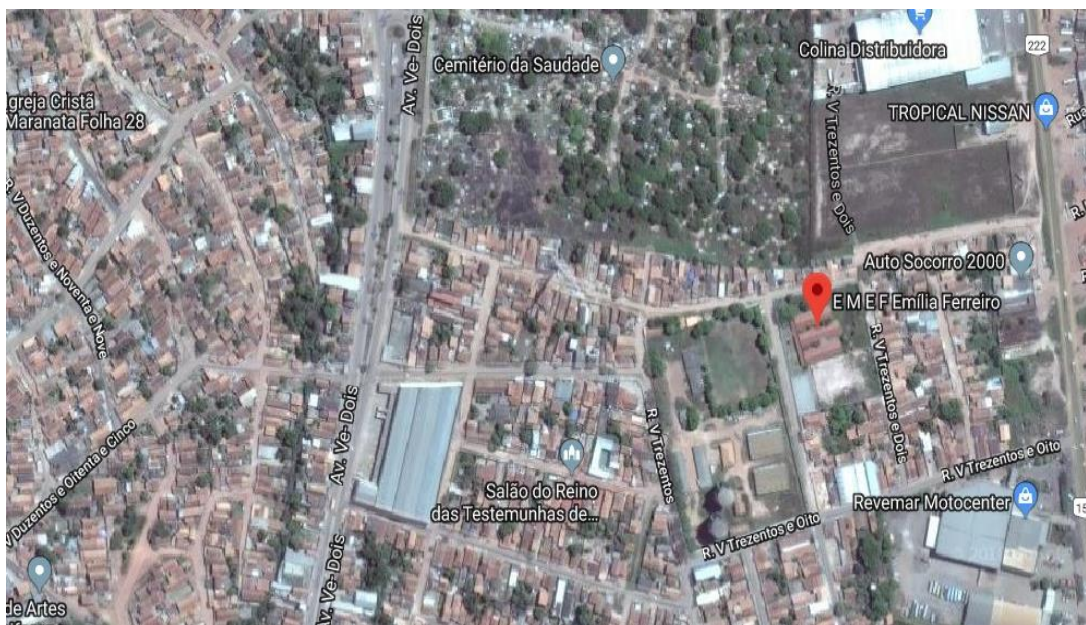
Mapa 4- Percurso da aluna D via satélite de sua residência até a escola.



Fonte: Imagens ©2018 CNES / Airbus,DigitalGlobe,Dados do mapa ©2018 Google

O caminho percorrido pela aluna D até a escola, também é um pouco complicado devido a seus problemas de saúde. Por ter a gravidez de risco, que a fizeram desistir por não aguentar andar muito, pois suas veias começaram a estourar. Além de ser um caminho muito longo para ir a pé, uma vez que tinha que sair do seu bairro Alzira Mutran, atravessar o bairro km 07 e a BR até chegar à Folha 29, onde se localiza a escola, lembrando também do perigo e insegurança que a mesma se colocava à exposição assim como os outros alunos.

Mapa 5- Imagem da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, ainda com seu antigo nome.



Fonte: Imagens ©2018 CNES / Airbus,DigitalGlobe,Dados do mapa ©2018 Google

Nessa imagem podemos observar a localização da escola na folha 29. Não dá para mostrar, mas alguns dos bairros vizinhos que a cercam são: o km 07, Nossa Senhora Aparecida conhecido como Coca-Cola, Folha 20, Folha 28, Folha 30, Folha 34 e bairro Araguaia também conhecido como Fanta, este foi o motivo que levou o Ensino da EJA a ser remanejado para a mesma, estando mais centralizado e podendo abranger mais alunos de seus arredores.

Embora esteja mais ao centro, a escola ficou perto para algumas pessoas e distante para outras que moram em bairros mais afastados, constituindo um dos fatores decisivos na hora dos mesmos abandonarem os estudos, somado a outros fatores.

4.3 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES, RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Quanto à formação dos professores da EJA na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, conforme a direção da escola, a maioria das professoras tinham especialização, as duas professoras entrevistadas P e S por exemplo, possuíam Licenciatura Plena em Pedagogia, estando aptas a trabalhar com esse público, por possuir a formação exigida.

A professora P já trabalha com a EJA há 05 anos, e a professora S 06 anos, além de fazer formações continuadas ofertadas pelo Município. Corroborando com Souza (2011), que afirma a precisão do professor da EJA adquirir conhecimentos para trabalhar com esse público, além da necessidade de os mesmos continuarem buscando formações além daquela que adquiriram na sua graduação, assegurando:

Contudo, tal processo não é simples, ele exige tempo e disposição para aprender, pois demanda formação permanente, algo que nem sempre é possível na EJA, diante dos programas com duração limitada e frágil reconhecimento profissional (SOUZA, 2011, p. 135).

Souza (2011) acrescenta ainda que o processo de formação continuada é um momento onde o professor tem a chance de melhorar sua prática, assim como a qualidade de sua intervenção. Somando-se a isso Freire (1996) afirma que o profissional deve ser capacitado e comprometido com sua tarefa de educar.

Outro ponto importante trabalhado na entrevista foi a relação professor/aluno, sendo avaliada por todos os alunos entrevistados como boa. A professora S avaliou a relação com seus alunos como sendo “Acolhedora, saudável e respeitosa”, enquanto a professora P respondeu da seguinte maneira:

Geralmente muito boa. Eles/elas são bem respeitosos (incluindo os mais jovens), a maioria não quer mais perder tempo e vem para escola para aprender o que mais têm vontade: ler e escrever. Outros, já querem para melhorar no trabalho (mas mesmo sendo esse o objetivo, largam os estudos para se manterem no trabalho que conseguem). (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 29/10/2017).

Esse respeito citado, durante as entrevistas, entre professor/aluno é fundamental no processo de ensino aprendizagem, pois cria um espaço mais adequado para convivência dos mesmos no âmbito escolar.

Sobre a contribuição do professor na construção do conhecimento de seus alunos, Ceratti (2008) garante:

[...] o professor tem muito a contribuir, sendo ele peça fundamental seguido depois da família ou do próprio aluno, capazes de fazer frente aos problemas voltados à aprendizagem e à transformação da visão de mundo em sentido mais amplo (CERATTI, 2008, p.15).

Ceratti (2008) ainda revela ser importante que os professores criem mecanismos atraentes, que motivem e ajudem na aprendizagem de seus alunos, de forma que essa aprendizagem se torne um processo que fuja do instrucionismo, fazendo com que os alunos se tornem seres críticos.

Já Brasil (2006) ressalta que a função que o professor desempenha na vida do aluno da EJA, é decisiva tanto para seu sucesso como para o insucesso escolar, exercendo ainda um papel determinante para evitar circunstâncias que leve o aluno da EJA a lidar com situações que gerem um possível fracasso escolar, e, além disso, defende:

O bom acolhimento e a valorização do aluno, pelo(a) professor(a) de jovens e adultos possibilitam a abertura de um canal de aprendizagem com maiores garantias de êxito, porque parte dos conhecimentos prévios dos educandos para promover conhecimentos novos, porque fomenta o encontro dos saberes da vida vivida com os saberes escolares (BRASIL, 2006, p.19)

Como já foram referidos anteriormente os alunos da EJA são pessoas que já possuem uma vasta bagagem cultural, conhecimentos prévios e experiências que adquiriram ao longo de suas vidas, e o professor deve aproveitar esses saberes como forma de facilitar seu processo de ensino aprendizagem, inserindo situações de seu dia a dia que podem ajudá-los na compreensão de conteúdos utilizados em sala aula, valendo se da boa afinidade entre professor/aluno, daí a importância de uma boa relação entre ambos. Assim afirma BRASIL (2006):

Especificamente no caso dos alunos e alunas jovens e adultos, referimo-nos a uma cultura popular do fazer, que se aprende fazendo e vendo fazer. Ela possui uma dimensão muito pragmática, voltada para a ação, que gosta de se movimentar e fazer junto uma construção marcadamente compartilhada e coletiva (BRASIL, 2006, p.12)

Por possuírem uma grande variedade de costumes e origens, cultural e social, o resultado dessa mistura de saberes, é uma combinação perfeita de conhecimentos diversos, onde o professor pode desenvolver atividades em que serão utilizadas todas essas informações que possuem, enriquecendo sua forma de aprender e ensinar ao mesmo tempo.

A respeito das condições que favoreçam o ensino dos alunos, foi questionado quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores da EJA em sala de aula, tendo como resposta das docentes, a dificuldade de aquisição do material, como cita a professora P “Às vezes o pouco material disponível direcionado à educação de jovens e adultos; mas em sala no relacionamento com os alunos não tenho tido problemas”. Já a professora S nomeia como maiores dificuldades a “Diversidades de níveis, evasão e falta de segurança pública”.

Um fator interessante existente nessas salas de aula da EJA é a variedade de alunos que possuem ritmos e níveis diferentes de aprendizagem, muitas vezes dificultando o trabalho do professor, assim como prejudicando alguns alunos que ainda necessitam de acompanhamento, como assegurou aluna B em sua entrevista, afirmando que embora soubesse copiar do quadro, não sabia ler as palavras sem soletrar. Chegou a mencionar que pelo fato da mesma conseguir copiar do quadro, a professora chegou a pensar que a mesma também já sabia ler, e voltou a sua atenção para os alunos que ainda não conseguiam copiar do quadro. Mais uma vez chama-se atenção para a necessidade de o professor conhecer quais as habilidades reais de seus alunos, para poder ajudá-los ao invés de prejudicá-los.

Já em relação às dificuldades em sala de aula por parte dos alunos, a professora P afirma que em sua sala, o maior problema não era dificuldade de aprendizado e sim outros fatores:

Em sala o cansaço do trabalho ou do dia-a-dia, as preocupações, as demais atrações. Não percebo dificuldades com o aprendizado, pois isso creio que são questões metodológicas, didáticas, práticas de ensino. E os/as alunos/as que conseguem se manterem na escola, querem aprender (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 29/10/2017).

Sobre as dificuldades em sala por parte dos alunos a professora S deu a seguinte resposta: “Questões sociais, trabalho, insegurança, violência, responsabilidades com a família, ritmo menor de aprendizagem”.

Findamos descrevendo que a formação do professor está de acordo com o que se determina para trabalhar com alunos dessa modalidade, assim como é importante a boa

relação do aluno com seus professores, facilitando que os mesmos enxerguem as dificuldades enfrentadas, e assim verificar a maneira mais fácil de compreendê-los e ajudá-los, e ao mesmo tempo expor um pouco sobre as suas próprias dificuldades em sala de aula.

4.4 A PROPOSTA DA EJA SEGUNDO OS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO

Saber o que os profissionais que trabalham na EJA na escola pesquisada pensam dessa proposta de ensino, é imprescindível para ver até que ponto sua análise está de acordo com a proposta curricular ofertada pelo governo, para pessoas que se enquadram nesse tipo de ensino, se os mesmos têm alguma crítica ou sugestão de melhoria para a sua aplicação, a respeito de como vem sendo desenvolvida e aplicada nas escolas. A primeira a responder foi a diretora L:

Em uma experiência que aconteceu a pouco, eu percebo que eles têm dificuldade muito grande, muito maior de assimilação de conteúdo do que as crianças, não são todos, mas uma boa parte, a gente percebe assim quando lida, quando trabalha com as crianças é normal você vê ela naquela fase de aprender, e o adulto as vezes você bate, bate se prepara para ensinar um conteúdo para um adulto pra ensinar e você vê aquela dificuldade, resumindo você ensinar um menino a fazer o nome dele, ele aprende mais rápido do que um adulto, então o que eu vejo que as crianças aprendem muito mais rápidas. A proposta é boa, até por proporcionar um direito nosso, como cidadão, pois está lá na constituição que temos o direito à educação, direito do cidadão ao acesso à educação, a gente percebe que os alunos têm certa limitação, certa dificuldade. Eu acho proposta é maravilhosa no sentido ofertar mesmo, eles têm o direito a educação, na infância não tiveram educação, eles tiveram um motivo, e esse motivo não somos ninguém para julgar, como o que causou a evasão dele, o motivo dele ter evadido, como o que foi uma gravidez precoce? Foi um desestímulo à ele, a sociedade levou ele para outro caminho, porque hoje tem muito isso de criança de dez, 12 anos abandonar a escola porque querem seguir outro caminho e quando chegam ai aos seus vinte, trinta e poucos anos, eles percebem que perderam muito tempo né, perderam assim tempo de ter estudado e percebem a importância da escola na vida deles, e eles retornam pra escola e ai eu acho que o governo pra garantir o que está na constituição, por isso está na constituição esse direito a educação, o governo tem sim que ofertar essa educação para eles. (Entrevista concedida à autora TORRRES, em: 11/10/2017).

Para a diretora a proposta é boa, maravilhosa, mas afirma que uma boa parcela adulta tem mais dificuldades de assimilação que as crianças para aprender alguns conteúdos, fala por uma experiência que vivenciou. Declara ser um direito que todo cidadão tem assegurado pela Constituição, e o governo tem que garantir, pois muitas pessoas não tiveram direito à educação ou tiveram suas razões para abandonar os estudos, supõe algumas hipóteses, mas ao mesmo tempo afirma não ser motivo para julgamentos, o motivo que levou esses alunos evadirem. E acrescenta que muitos só se dão conta da importância da escola depois de certa idade e voltam para a escola, e por isso o governo tem que oferecer sim essa educação a que todos têm direito.

A professora P, que atuava (e ainda atua) na 2ª etapa, sugere algumas melhorias para o ensino da EJA, quanto à sua proposta atual, pedindo que se destine mais segurança, incentivos, maior valorização quanto à qualidade do aprendizado dos alunos, do que apenas dados, que ofertem um currículo apropriado para esse público, oferecer e auxiliar na formação dos profissionais que vão trabalhar na EJA, além de encaminhar bons profissionais além dos professores regentes:

Creio que precise mesmo de mais incentivos, de mais segurança, que preocupem-se com o aprendizado e não com dados, que valorizem a educação de jovens e adultos, percebendo melhoras para o país; sugiro melhorias na segurança, que valorizem o horário da noite quanto do dia, que tenham preocupação com um bom currículo direcionado à EJA, e motivem, auxiliem na formação, direcione bons profissionais não ficando só nos/nas professores/as regente (isso porque tínhamos, por exemplo, um professor de informática para a EJA e resolveram retirar, desvalorizando ainda mais a educação desse público). (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 29/10/2017).

Professora S sugeriu à proposta: “Investir na segurança das escolas, formação continuada, garantirem a merenda adequada diariamente, entre outros fatores”. Sobre essa categoria podemos relacionar o que os profissionais da escola afirmaram com o que defendem os autores, e o que está na constituição e nos parâmetros curriculares para a Proposta da EJA. No que se refere ao direito da educação para qualquer cidadão, assim como mencionado, está em nossa constituição vigente de 1988:

Alterações do Artigo 208 (Emenda Constitucional Nº 59 de 11 de novembro de 2009):

Art. 1º Os incisos I e VII do Art. 208 da Constituição Federal passam a vigorar com as seguintes alterações:

Art. 208.....

I – educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria.

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didáticoescolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Inclui-se nesses termos a educação de jovens e adultos, onde é assegurado mais uma vez:

Trata-se de um direito positivado, constitucionalizado, e cercado de mecanismos financeiros e jurídicos de sustentação. Esclareçamos que, a Educação de Jovens e Adultos está baseada no que determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, - LDB 9.394.96, no Parecer CNR/CNB Nº 01/2000, no Plano Nacional de Educação (Lei 10.172/01), no Plano de Desenvolvimento da Educação, nos Compromissos e acordos internacionais (BRASIL,1996).

Referente ao ensino e demais sugestões sobre segurança, aprendizagem, qualidade, currículo apropriado, como foi sugerido, verificamos que já estão previsto em seus parâmetros curriculares, e são garantidos pela Constituição Federal, mas na realidade não é o que acontece, deixando muito a desejar, e prejudicando a permanência dos alunos nas escolas, como no caso da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, como afirmou a professora S e a professora P.

Segundo as professoras S e P, a escola sofreu um assalto e com isso a insegurança só aumentou, as formações tem sido poucas, e quanto à merenda, é importante que tenha sempre e seja oferecida de boa qualidade, pois muitos alunos saem direto do trabalho e vão para a escola com fome, e para poder assistir as aulas, a direção oferta a merenda ou refeição antes que os mesmos entrem em sala de aula, alegam que desse modo, conseguem fazer os alunos permanecerem com mais disposição, pois muitos chegavam com fome e sem condições de ter uma boa aula, ou boa aprendizagem.

4.5 RECURSOS E MÉTODOS UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO DA EJA E COMO EVITAR A EVASÃO ESCOLAR

Nessa categoria no que diz respeito aos recursos e métodos utilizados pela escola e pelos professores em sala de aula para evitar a evasão escolar na EJA, obtivemos as seguintes respostas, iniciando com a da diretora L sobre algumas medidas que a escola toma:

A gente liga, a gente tem a dinâmica de ligar, de entrar em contato com os alunos, a presença da direção constante na escola, a gente faz projetos de incentivar a participação e permanência desses alunos na escola, a gente não vai à casa da pessoa, do aluno como a gente faz de manhã, porque a noite não tem como, trazemos palestrantes, o nosso contato é através do telefone, ligamos e perguntamos o porquê da pessoa desistiu e o que podemos fazer para ajudar ela a retornar. (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 11/10/2017).

Continuando sobre os recursos de prevenção à evasão, a diretora L afirma também aplicar como formas de incentivo para a permanência do aluno “Dinamismo do trabalho, palestras, compromisso dos professores, pois o mesmo tem que ser dinâmico, a merenda antes da aula”, ela acrescenta outros métodos de como evitar o problema da evasão na escola:

Eu acho que as respostas da pergunta número 12 se aplicam aqui, porque elas são bem parecidas. Essa questão da evasão da noite na verdade é isso o que a gente pode fazer é isso, a gente tá ligando, já ouvi situações de ouvir um infeliz comentário: de que a escola está perdendo aluno, de que a escola está evadindo, e eu fiquei triste, foi uma crítica destrutiva, foi pessoa da noite, e foi uma crítica de saber o que a gestão

está fazendo para evitar evasão, e até levantei um questionamento e chamei para uma reunião, mas gestão não é só o diretor sozinho, é conjunto, assim comecei a reunião: perguntei o que os professores estão fazendo para evitar a evasão desses alunos? Porque gestão não se faz sozinha. Também cobro a presença dos professores, não deixo que faltem por qualquer motivo, pois a falta deles desestimula, não tem nada pior para o aluno da EJA chegar à escola e não ter professor, o professor tem que ter um olhar e o cuidado de estar incentivando. Ai o cuidado da direção está presente na escola. (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 11/10/2017).

Ela afirma que o trabalho pedagógico tem que ser desenvolvido por todo o corpo docente, sendo um problema que compete à responsabilidade de todos, e que faz o possível para estar presente diariamente na escola, também não permite que os professores faltem, pois não há nada pior do que os alunos chegarem na escola depois de um dia de trabalho, e não ter aula, e pede aos professores para estar motivando os seus alunos sempre. Já a professora P ressaltou o seguinte:

Não seria bem um recurso didático, mas geralmente ligo para eles/elas mostrando a importância de continuarem os estudos. Em sala busco trabalhar com materiais diferentes, atividades que estão mais de acordo com a realidade deles/as. (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 29/10/2017).

Assim como a direção, a professora da 2ª etapa, também usa métodos que ajudam os alunos, assim como conteúdos em sala de aula que sejam relacionados com o seu dia a dia, facilitando a compreensão dos mesmos, além de ligar para saber o que houve e fazer com que sintam que são importantes e valorizados.

Em sala de aula, a professora S citou utilizar “Atividades impressas, laboratório de informática, jogo e, sobretudo, atenção, disponibilidade com o aluno e sua demanda”.

Podemos observar que todo o corpo docente, faz uso de algum recurso para tentar manter o aluno na escola. E sobre o que cada um poderia contribuir como profissional para evitar evasões futuras nas salas de aula, deram as seguintes respostas. Professora P:

Bem, busco de todas as formas melhorar a minha prática de ensino com pesquisas, formações pessoais. Mas creio que o problema da evasão não estão nos/nas professores/as e sim no sistema, que não tem preocupações concretas com a EJA, pois são poucos investimentos, não há a preocupação com a segurança nas escolas, são poucas as formações, há a desvalorização do profissional. Então, são inúmeros os problemas, as não observações, as não buscas por soluções. (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 29/10/2017).

Sobre esse assunto, a professora S como forma de contribuir para evitar a evasão de seus alunos em sala de aula respondeu “Promover e garantir o melhor ensino apesar das limitações”. Embora saiba que os alunos possuem certas dificuldades e limitações, não se pode deixar de oferecer aos seus alunos, o melhor ensino possível. Também chamam a

atenção para o fato do problema da evasão escolar na EJA, não está nos professores como afirmou a professora P, que atribui a responsabilidade ao sistema que não oferece investimentos suficientes para suprir as demandas da EJA, assim como a falta de segurança e formações dos profissionais, que tem tido pouco investimento, falta de políticas públicas.

Indagados sobre receber alguma ajuda da escola/município para manter esses alunos da EJA na escola, a diretora L afirmou que a única proposta que o município oferta é a formação para professores, já as professoras deram as seguintes repostas como veremos a seguir. Professora S “O básico (dentro da possibilidade e limitações)”, como forma de ajuda a professora P, alegou o seguinte:

Complexo, “ajuda” não, muitas pressões tipo: “é possível que não tenha as etapas na escola, pois o número de alunos é pouco” e daí, vai a diretora, insistir junto a secretaria de educação para a manutenção das turmas. Ou seja, a manutenção das turmas acaba sendo uma “insistência” da direção, dos professores e a real preocupação com a educação não é o principal interesse de muitos governantes. Ano passado tivemos muitos períodos de greve e isso acaba incentivando para a desistência de alguns alunos/as. (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 29/10/2017).

As afirmações da diretora e professoras, mostra que é difícil manter os alunos na escola, principalmente pela falta de apoio do governo, ofertando somente o básico como a formação de professores, deixando as demais atribuições do problema nas mãos da diretora, que tenta amenizar a situação.

Os alunos deram as seguintes sugestões para que se evitassem evasões futuras com simples sugestões, que se aplicadas, ajudariam os mesmos a ter permanecido em sala de aula. O aluno A afirma “Ajudar mais o aluno indo de carteira em carteira, vendo suas dificuldades, dá mais atenção, e não: escreve lá e te vira”. Aluno B “Que tivesse um transporte para buscar os alunos, pois tem lugares que a escola é muito mais perto e tem transporte”. Aluno C:

Não sei dizer. Passar o aluno só quando ele realmente souber ler e escrever, mesmo que repetisse o ano. E também o governo ajudasse com algum auxílio, por que aí teríamos condições de estudar e não precisava parar os estudos. Até minha esposa dormia em sala de aula, pelo cansaço. (Entrevista concedida à autora TORRES, em: 31/10/2017).

Para finalizar o aluno D sugere “Seria bom se a escola fosse mais perto. Pois para atravessar de um bairro para outro é perigoso, e fica longe”. Para eles, essas soluções a seu ver, evitariam que outros alunos saíssem da escola, pois muitas vezes tem dificuldades de aprendizagem dando melhor atenção a cada um, indo até seus assentos, transporte para conduzir os alunos que moram longe e não tem condições de vir em segurança a pé, devido à

distância e violência, não ficar passando o aluno sem saber ler e escrever, pois muitas vezes o fato de saber tirar do quadro não significa que já conseguem entender o que está escrito.

O aluno D, também sugeriu que o governo pudesse ofertar algum auxílio para os mesmos, assim não teriam que abandonar a escola para poder trabalhar e se manter, indo por diversas vezes para a escola, esgotadas devido ao cansaço após um dia de trabalho. E por último, que a escola fosse mais perto evitando o caminho que oferecia perigo aos mesmos, devido à distância.

Deu pra perceber que tanto a direção, como os professores da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha se preocupam com a permanência dos alunos na escola, e que se propõem a desenvolver práticas que ajudem esses alunos em sala de aula, utilizando informações e situações de seu dia a dia para facilitar seu aprendizado e assimilação de conteúdo, corroborando com Souza (2011), quando afirma que “ o desafio do educador está em enriquecer o material didático com conteúdo da oralidade dos alunos, dos noticiários, em fim, de acontecimentos da vida cotidiana” (SOUZA, 2011, p.136).

Já Brasil (2006) propõe, por exemplo, que o professor tente conhecer que tipo de habilidade o aluno da EJA adquiriu, por exemplo, em seu trabalho, que poderia ser utilizado em sala de aula. Outro autor que defende esse modelo de prática com os alunos da EJA é Freire (1996), que criou o método freire muito utilizado para a educação de Jovens e adultos até os dias atuais. Onde o mesmo defende:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes mais populares, chegam a ela- saberes socialmente construídos na classe comunitária- mas também, como há mais de trinta anos, venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino de conteúdos (Freire, 1996, p. 33).

Baseado com o que defende Freire (1996) foi observado essa prática pela professora P, durante um estágio na disciplina: Estágio Docente na EJA, que desenvolvi na E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, durante o ano de 2017, aonde a professora P, sempre colocava em suas aulas os saberes cotidianos dos alunos relacionando as atividades em sala, com as suas atividades ou conhecimentos diários, facilitando a compreensão dos mesmos, pois tratava de situações que eles já possuíam algum conhecimento, além de colocá-los para participar das aulas ativamente, sempre se direcionando a eles, com incentivo para que os mesmos pudessem participar das conversas e assim expor para os demais suas opiniões.

A escola não tem recebido apoio ou incentivo maior por parte dos órgãos competentes, para melhorar a qualidade do ensino, a formação dos professores, desvalorizando assim, ainda

mais essa modalidade de ensino que já é carente de atenção, principalmente porque existe na sua maioria, pessoas com poder de baixa aquisição, econômica, social e cultural.

Com isso, os alunos não possuem outra opção, a não ser de abandonar seus estudos, como consequência da falta de apoio, incentivo, e condições financeiras, para se manter na escola, sendo que é um direito que os mesmos possuem, e não estão sendo respeitados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer um breve contexto histórico em relação à produção do fracasso escolar, que resulta muitas vezes na repetência ou evasão, que foi o tema abordado neste trabalho, constatou-se que há poucos documentos na área da pesquisa, deixando claro a necessidade de se produzir muito mais sobre essa temática, de grande relevância para se compreender as causas da evasão escolar, já que a maioria dos casos ocorrem comumente nas escolas, causando grande preocupação no âmbito social e econômico, visto que assim como a retenção também a evasão de alunos significa o desperdício de investimento público no campo da educação.

A primeira seção detalha um pouco sobre o panorama de como a educação de jovens e adultos chegou até os dias atuais em nosso país, ressaltando que o que temos ainda não é o ideal, e também fala das diversas lutas, movimentos, congressos, cruzadas, campanhas, e alguns personagens importantes que fizeram parte dessa trajetória da educação em nosso país e sobre o papel da educação em nossa sociedade. Para tentar entender essa questão tão complexa que é a evasão escolar na EJA, que ainda é um problema que faz parte do nosso cotidiano e que preocupa a nossa sociedade, pois o que vemos é a tentativa de mascarar essa evasão escolar, dizendo que ela não existe, o que sabemos que não é verdade. Pois ainda existe a desigualdade e a exclusão dos alunos da EJA, problemas que ainda não foram resolvidos e que persiste.

Na segunda seção, os autores utilizados para embasar esse trabalho, concordam que há escassez de pesquisas na área sobre evasão, mostrando a pouca importância que a temática vem recebendo, além da má qualidade em que estas são produzidas. Afirmaram que a evasão e repetência é muito maior nas séries iniciais, chamaram a atenção para a seletividade social sofrida pelos alunos por parte dos professores e das escolas, onde os alunos de menor poder aquisitivo recebem tratamento desigual, além do fato dos mesmos serem considerados fracassados antecipadamente pelos seus professores, sendo vítimas de preconceitos por serem de classes menos favorecidas.

Tratou ainda da afirmação de a repetência ser um antecessor da evasão e o baixo rendimento do aluno está interligada à repetência e ao seu baixo rendimento escolar. A atribuição da culpa do fracasso ao aluno que repete ou evade, e que nem sempre é sua, sendo gerado por fatores sociais, econômicos, familiares e culturais entre outros. Observou-se também que quando o aluno fracassa a escola também tem sua responsabilidade, pois a mesma também produz o fracasso escolar, lembrando que a sociedade, nem sempre dá apoio

ou suporte para a escola que muitas vezes reproduz costumes do meio social o qual está inserida, e que esses fatores que contribuem para a evasão de alunos da EJA. E que muitas vezes a escola trabalha a conservação social da classe dominante que usa a escola como meio de reprodução de seu poder.

Embora este trabalho tenha sido desenvolvido em maior parte sobre causas da evasão muitas vezes gerada dentro do ambiente escolar, não podemos esquecer que nem sempre a mesma é responsável pelos casos de evasão, pois outros fatores extraescolares contribuem de formas significativas para que alunos evadam, e já foram colocados aqui, como trabalho, questões familiares, econômicas e outras.

Entre os fatores que provocaram a saída dos alunos da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha estavam contidos fatores de ordem social (ausência de apoio da família, gravidez de risco, doenças), econômico (necessidade de trabalhar) assim como a falta de políticas públicas (segurança, incentivos), e apoio para os profissionais de educação (formação continuada, reciclagem), para assim poder melhorar a qualidade do ensino ofertado para os alunos da EJA que ali estudavam.

Constatou-se, não sendo a evasão e fracasso escolar da maioria dos alunos entrevistados da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha, responsabilidade dos professores ou da escola. Situação verificada a partir das afirmações em que os alunos isentam a instituição, quando citaram outros motivos como responsáveis por seu abandono escolar. Não sendo também, culpa dos alunos evadidos, já que não conseguiram se manter na escola, devido aos diversos fatores que contribuíram para o abandono escolar, gerando assim mais fracasso e evasão. Diferindo assim da opinião dos autores que fundamentaram este trabalho, afirmando que a maioria das causas da evasão e fracasso escolar nos dias atuais são atribuídas à discriminação com o aluno, falta de compromisso do corpo docente, ou produzido pela própria escola, como defendiam em seus trabalhos.

Ao final da pesquisa foi alcançado o objetivo principal, ao conseguir responder o que causou a evasão dos alunos da EJA, no período de 2016, a partir das afirmações dos participantes entrevistados. Prevaleram nessa instituição, fatores externos que estão além da escola, sendo os principais responsáveis pela evasão, uma vez que a mesma teria feito o que estava ao seu alcance (segundo a direção da escola), e dentro de suas condições para que os alunos permanecessem em sala de aula, recebendo um aprendizado de qualidade, da melhor forma possível, dentro de suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Zaia. BAETA; Anna Bianchini; ROCHA, Any Dutra Coelho. **A escola em questão: evasão e repetência no Brasil/** Zaia Brandão, Anna Maria Bianchini Baeta, Any Dutra Coelho da Rocha. 2. – Rio de Janeiro: 1985.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base da educação.** Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 fev. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Alunas e alunos da EJA-** Brasília: Coleção: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, 2006. Disponível em: Acesso em: 15 de nov. 2017.

CERATTI, Marcia Rodrigues Neves. **Evasão Escolar: Causas e Consequências.** 2008, **disponível em:** <http://www.educacao.go.gov.br/imprensa/documentos/Arquivos> Acesso em 21 nov. 2017.

Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa/ Evanildo Bechara (organizador). – São Paulo: Companhia editora Nacional, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa/**Paulo Freire. - São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

GUIMARÃES, Maria Ivone Pereira; SANTANA, Maria Rosângela; SILVA, Braz Ribeiro; **As causas e consequências da evasão escolar na educação de jovens e adultos.** Revista Científica semana acadêmica. Fortaleza, ano 30/10/2015. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_causas_e_consequencia_da_evasao_escolar.pdf . Acessado em: 21 nov. 2017.

MARABÁ- PA. IN: GOOGLE MAPS. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-5.350167,-49.0831891,1174m/data=!3m1!1e3> Acesso em: 13 fev. 2018.

MAPA 01: Percurso do aluno A via satélite de sua residência até a escola. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/R.+A,+150> acesso em: 18 fev. 2018.

MAPA 02: Percurso da aluna B via satélite de sua residência até a escola. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Nossa+Senhora+Aparecida> acesso em: 18 fev. 2018.

MAPA 03- Percurso do aluno C via satélite de sua residência até a escola. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps> acesso em: 18 fev. 2018.

MAPA 04- Percurso da aluna D via satélite de sua residência até a escola. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps> acesso em: 18 fev. 2018.

MAPA 05: Localização da E.M.E.F. Prof.^a Fátima Maria Fernandes Gadelha via satélite de sua residência até a escola. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps> acesso em: 18 fev. 2018.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos**. 6ª edição revista e ampliada. São Paulo: Edições Loyola outubro de 2003.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia**. 4ª edição, revista e aumentada / Maria Helena Souza Patto- São Paulo: Intermeios, 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Construindo as competências desde a escola/** Philippe Perrenoud; trad. Bruno Charles Magne. –Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PILETTI, Claudino. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire/** Claudino Piletti e Nelson Piletti. – São Paulo: Contexto, 2014.

PINTO, Lopes Joaquim. **A Problemática da Evasão Escolar na Escola Pública: a quem compete?** . 2014, 44 f. Monografia do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação (Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Itaporanga-Paraíba, 2014.

RIBEIR-O, Vera Maria Masagão. **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular – 1º seguimento/ coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro; -** São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 329 p. Disponível em: Acesso em: 09 mai. 2017.

SANTOS, Izequias Estevan dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica/Izequias Estevam dos Santos –** 12. ed. ver. e atual. – Niterói, RJ: Impetus, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação de jovens e adultos/** Maria Helena de Souza-2. ed. ver. atual e ampl. – Curitiba: Ibpex, 2011.

<http://www.academia.org.br/academicos/rui-barbosa/biografia> em 08 de nov. 2017 às 13h07min

APÊNDICES

APÊNDICE 1: A SER APLICADO COM O (A) ALUNO (A) EVADIDODA EJA.

1. Qual seu nome?
2. Qual sua idade? Estado civil: () Casado (a) () Solteiro(a) () Divorciado(a)
() Outro
3. Tem filhos? () Sim () Não.
4. Qual a distância da sua casa para a escola?
5. Escolaridade? Mora: () sozinho (a) () Com a família () Outro.
6. Quais os principais motivos que te levaram a evadir da escola? Existem questões de dimensões:
A) () Econômicas. B) () Familiares. C) () Sociais. D) () Escolares. E) () Outras. Se sim, quais?
7. Você trabalhava enquanto estudava? () Sim () Não.
8. Como você avalia a estrutura da escola? () Ótima () Boa () Ruim () Outra.
9. O que você sugere de melhoria para que se possa evitar evasões futuras?
10. Se arrepende de ter desistido de estudar () Sim () Não.
11. Se pudesse voltaria a estudar? () Sim () Não. Explique:
12. Quais disciplinas você mais gostava?
13. E a que menos gostava?
14. Já reprovou alguma vez? () Sim () Não.
15. Como era sua relação com os professores da escola?
16. Já havia desistido alguma vez? () Sim () Não Quantas?
17. Por que você não conseguiu concluir seus estudos na modalidade do ensino regular?
18. Para você quem são os responsáveis pela sua evasão escolar?
() Eu
() Escola
() Outro motivo. Qual?

APÊNDICE 2: A SER APLICADO NA ESCOLA COM O (A) PROFESSOR (A) DA
EJA



1. Qual seu nome?
2. Qual sua formação acadêmica?
3. Há quanto tempo você trabalha na EJA?
4. Há quanto tempo você trabalha nessa escola?
5. Quais disciplinas você ministrava na série da 2ª etapa em 2016
6. Quis as maiores dificuldades enfrentadas por você em sala de aula?
7. De que forma você como profissional pode contribuir para evitar a evasão escolar em sala de aula?
8. Você utilizava algum recurso didático para evitar a evasão desses alunos?
9. Você recebia alguma ajuda da escola/município para trabalhar de forma que ajudasse a manter esses alunos na escola?
10. Em sua opinião, quais os principais fatores que fez esses alunos evadirem da sala de aula?
11. Qual era o perfil de seus alunos?
12. Como era a relação entre professor e alunos?
13. Em sua opinião quais as maiores dificuldades que eles enfrentavam em sala de aula?
14. Como você vê o problema da evasão na EJA?
15. Qual sua sugestão ou crítica em relação à proposta da EJA?

APÊNDICE 3: A SER APLICADO NA ESCOLA COM O (A) DIRETOR (A) DA EJA

1. Qual seu nome e idade?
2. Qual a sua função nessa escola?
3. Há quanto tempo trabalha aqui?
4. Quais os tipos de ensino ofertado na presente escola?
5. Durante quanto tempo é ofertado o ensino EJA nessa escola? Quem era o profissional responsável pelo EJA nesse período de 2016?
6. Qual o número de alunos matriculados no (a) EJA no ano de 2016 nas séries da na EJA de 1ª à 4ª?
7. Quantos alunos evadiram nas séries da 1ª a 4ª etapas no período de 2016?
8. Quantas turmas da 1ª à 4ª etapas possuem aqui? E em 2016?
9. Qual a quantidade de alunos matriculados em cada turma do EJA, nas séries de 1ª à 4ª etapas, no período de 2016 na presente escola?
10. Em sua opinião entre os principais fatores que levaram esses alunos a evadirem dessa escola no período existem questões de dimensões:
A) () Econômicas. B) () Familiares. C) () Sociais. D) () Escolares. E) () Outras. Se sim, quais?
11. Quais as medidas tomadas pela escola em relação à evasão escolar no EJA nas series da 1ª à 4ª etapas?
12. De que maneira a escola pode evitar a evasão escolar?
13. Qual era a formação profissional dos professores da EJA? Quantos profissionais atuavam na EJA na presente escola?
14. A escola atendia às normas de acordo com o parecer curricular da EJA do 1º e 2º seguimento? () Sim () Não.
15. Quais eram as disciplinas ofertadas na EJA nessas séries?
16. Qual era a rotina da aula da EJA?
17. Como era a estrutura da escola?
18. Quais as idades dos alunos na EJA nas series da 1ª à 4ª etapas nesse período?
19. O governo municipal tem alguma proposta para evitar a evasão escolar na EJA? Qual?
20. Existem alunos que evadiram e depois retornaram no ano seguinte?
21. Como você vê o ensino da EJA nos dias atuais? O que acha da proposta?

ANEXOS

ANEXO 1: AUTORIZAÇÃO DA SEMED PARA A COLETA DE DADOS DOS ALUNOS NA E.M.E.F. PROF.^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (UNIFESSPA)
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (ICH)
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (FACED)

Ofício: S/N Marabá, 20 de Setembro de 2017
 Da: Profa. Me. Cleide Pereira dos Anjos
 Professora da Faculdade de Educação – FACED

Caro (a) secretário (a),

Vimos através deste documento solicitar a vossa senhoria que autorize a diretoria da Escola M. E. F. Fátima Maria F. Gadelha, localizada na Folha 29, Quadra 17, Lote Especial, a repassar para as alunas abaixo relacionadas o endereço de alunos evadidos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a fim de realização de uma pesquisa de campo, no caso entrevistas, para produção dos seus respectivos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs). Reiteramos que os dados serão utilizados somente para a realização da pesquisa de campo. As alunas supracitadas são as seguintes:

1. Ivanilsa Cunha de Sousa Oliveira, mat. 201340204030, temática em estudo: Evasão escolar: quais as principais consequências da evasão escolar na EJA;
2. Manderléia Santos Torres, mat. 201340204010, temática em estudo: Evasão escolar: as principais causas da evasão escolar na faixa etária entre 15 e 17 anos, na educação de jovens e adultos;

Sem mais para o momento, agradecemos antecipadamente e reiteramos votos de estima e consideração.

Atenciosamente,
Cleide P. dos Anjos
 Profa. Me. Cleide Pereira dos Anjos

Orientadora dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)
 Siape: 2281659

Recebi em: 26/09/17
Anaesustare
 DEN
 Diretoria de Ensino Urb.
 SEMED
 Sd - Pará

AUTORIZADO
 Em: 26/09/2017
 José Orlando Lopes de Moraes
 Associação Municipal de Educação Adulto de Marabá - 19/2017-GE

ANEXO 2: AUTORIZAÇÃO DA E.M.E.F. PROF.^a FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA PARA A UTILIZAÇÃO DA NOMECLATURA OFICIAL DA ESCOLA NESTA PESQUISA.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ-UNIFESSPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-ICH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

AUTORIZAÇÃO DE DADOS PARA TRABALHO CIENTÍFICOS

Eu, Marymendes da Silva abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa, sobre “EVASÃO ESCOLAR: QUAIS AS PRINCIPAIS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO EJA, NA ESCOLA E.M.E.F. FÁTIMA MARIA FERNANDES GADELHA, NO ANO DE 2016 NAS SERIES DE 1ª A 4ª ETAPAS NO PERÍODO DE 2016”, autorizando a utilização dos dados coletados pela aluna Vanderléia Santos Torres do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação – FACED/ Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA / MARABÁ – Pará. Informo que fui devidamente esclarecido (a) acerca dos objetivos dessa pesquisa e que os dados serão tratados eticamente, de acordo com o que prescreve o trabalho científico. Além do mais autorizo a aluna utilizar o nome da escola que está sob minha gestão.

Local, Marabá....., 21 de dezembro de 2017....

Marymendes da Silva Vanderléia Santos Torres

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador